

Meus



LABORATÓRIO
DE PESQUISA EM
DESIGN
CONTEMPORÂNEO

unesp 





NÓIS QUE FEZ



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

Projeto de Pesquisa apresentado para Trabalho de
Conclusão de Curso em Design Gráfico – Nível
Graduação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação da UNESP – Campus Bauru

Júlia Leficadito Alvares Comin
Luiz Otávio Galassi Bernardi

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Mônica Cristina de Moura

BAURU, 2019





AGRADECIMENTOS



Iniciamos nossos agradecimentos, nos dirigindo aos nossos pais e familiares, que desde o início dessa jornada na universidade pública, sempre nos apoiaram, nos deram força, nos encorajaram com palavras, gestos ou simples demonstrações de amor. Eles, que muitas vezes, mesmo sem entender nossas convicções e objetivos, nunca deixaram de oferecer todo o apoio para chegarmos onde estamos e da maneira que julgávamos melhor.

Agradecemos imensamente nossa professora e orientadora Mônica Moura. Que desde o início do projeto acreditou e nos ofereceu todo o suporte necessário para que o projeto saísse de nossas cabeças e começasse a tomar forma. Sem o seu apoio e a disponibilidade do Laboratório Design Contemporâneo (LabDesign) nada disso seria possível.

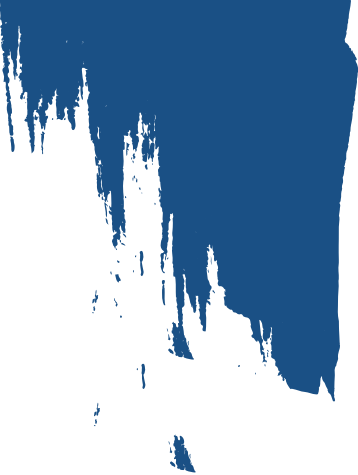
Agradecemos a Lucas Melara e Adie Mathias, duas pessoas fundamentais para o desenvolvimento desse projeto de TCC como um todo, sem o auxílio tanto organizacional quanto técnico, esse projeto não teria acontecido tão maneira tão fluida e orgânica.

Agradecemos também aos amigos que ajudaram a encabeçar o projeto: Adie Mathias, Paulo Billy, Kahuê Guilherme, Mariana Paiva, Léo Guaraldo.

Agradecemos a todos os colaboradores do evento, cada um em sua área de atuação, fizeram desse evento uma realidade. São eles: Anna Souza, Grenda Cabestré, Letícia Guimarães, Kahuê Guilherme, Paulo Billy, Thiago Theodoro, Caião, Thiago Rocha, Gabriela Pereira, Amanda Alves Fernandes, Ubirajara Luiz Gomes, Tabatha Irma Carbonara Creazo, Pedro Vannucci, Carol Maris, Léo Guaraldo, Fábio Iamaguti e Mariana Moraes.

Agradecemos também à banca, composta pelas Professoras Doutoras Mônica Moura e Fernanda Henriques e os Designers Carolina Gomes e Lucas Melara.

Agradecemos a todos os amigos e pessoas que passaram por nossas vidas todos esses anos, que de alguma forma interagiram ou interferiram no resultado final desse projeto.



SUMÁRIO



5	RESUMO	49	VAMO TESTÁ?
7	COMEÇANDO DO INÍCIO	55	ALIEMINA
8	EU, TU, NÓIS	64	SÓ ACABA QUANDO TERMINA
11	NÓIS NASCEU AQUI	70	PROCESSO DE PRODUÇÃO
17	IDENTIDADE VISUAL	71	PEQUENOS GRANDES DETALHES
20	VAMO ENTENDER DO QUE A GENTE TÁ FALANDO	76	O EVENTO
32	VIVÊNCIA NO LABDESIGN	81	CONSIDERAÇÕES FINAIS
34	INCUBAÇÃO DA NÓIS NO LAB	82	REFERÊNCIAS
39	REFERÊNCIAS	83	BIBLIOGRAFIA
44	SOBRE A COLEÇÃO	84	ÍNDICE DE IMAGENS



RESUMO

RESUMO

Este TCC trata da marca NÓIS, que relaciona design, moda, estamparia artesanal, upcycling em uma proposta contemporânea. A partir dessa proposta foi desenvolvida uma coleção que é o foco deste TCC. A nossa marca experimental foi incubada no Laboratório de Design Contemporâneo vinculado ao Departamento de Design da FAAC, campus da UNESP de Bauru. A marca começou a tomar forma e dar seus primeiros passos no ano de 2018. Esse relatório apresenta a pequena jornada da marca desde seu surgimento até os dias de hoje, assim como os conceitos norteadores da mesma, que são: o design contemporâneo, a sustentabilidade, slow fashion e upcycling, intrínsecos a marca. Tratamos também sobre a parte técnica da produção que envolve estamparia artesanal, serigrafia, colagem, lettering e ilustração. Esta pesquisa empírica versa sobre a importância que a experimentação traz, o incrível leque de possibilidades e ensinamentos que apenas os exercícios da prática do dia a dia poderia se encarregar de nos ensinar de maneira tão clara e concisa. Finalizamos este projeto com o evento de lançamento da marca, explicando os elementos integrantes e os processos empregados para realizarmos o que acreditamos ser um evento ideal e dentro das vertentes norteadoras do conceito e proposta da marca NÓIS.

Palavras - Chave

Design Contemporâneo, Moda, Serigrafia, Estamparia Artesanal, Sustentabilidade, Upcycling

ABSTRACT



ABSTRACT

This TCC it's about the NÓIS brand, that relates design, fashion, handmade press, upcycling in one contemporary motion.

From this proposal, one collection was developed, that is the focus of this work. Our experimental brand was incubated at the Contemporary Design Lab, bound to the FAAC Design Department, at Unesp - Bauru campus. The brand started to take its own shape and give its first steps in 2018. This report presents the small journey from the birth of the brand to these days, just like the guiding concepts of it all, that are: contemporary design, sustainability, slow fashion and upcycling, intrinsic to the brand. We also talk about the production technical details which involves handmade press, serigraphy, collage, lettering and illustration. This empirical research is about the importance that experimentation brings, the amazing horizon of possibilities and learnings that just the day by day practical exercising could take charge to teach us in such clear and concise way.

We finish this project with the brand launching event, explaining the integrals elements and the processes used to become true what we believe it is an ideal event within the guiding strands of the concept and proposal of the Nois brand.

Key Words

Contemporary Design, Serigraphy, Handmade Stamping and Sustainability





COMEÇANDO DO INÍCIO



O nosso TCC é uma mistura de histórias de vida, vivências, experiências, experimentações, erros e acertos, projetos gigantescos, sonhos, vários banhos de água fria, e, também, a abertura de novos caminhos, num processo de interiorização e autoconhecimento na construção de cada um de nós e, de NÓIS mesmos.

Esse relatório não segue padrões formais, é um texto informal como uma conversa, mais poético, autoral, criativo, expressivo: um texto de livre criação. E dessa forma será a apresentação e o texto que faz o papel de relatório deste tcc.

Vamos tratar a respeito da marca de estamparia artesanal NÓIS. Seu conceito e propostas norteadoras, seu surgimento, seu histórico, os processos empregados: de criação e desenvolvimento de produto/-coleção; o processo de produção; a coleção desenvolvida para esse trabalho de conclusão de curso. E o evento de lançamento da marca e da nova coleção “Descalços” com estamparia artesanal e upcycling.

EU, TU, NÓIS

LUIZ GALASSI OU CAXI

Ainda bem novo, já gostava de escolher minhas roupas e me recusava a sair de casa se não fosse da maneira que eu achava bonito. Uma vez lembro de ter dito a minha mãe que teria uma marca de camisetas, mas até então, mal sabia o que era trabalhar, papo de criança total.

No 2º ano da faculdade conheci a serigrafia, chega a ser engraçado a familiaridade com o desconhecido que rolou no momento, principalmente em uma fase tão eufórica como aquela. Um momento onde as coisas já não faziam tanto sentido e a vida era apenas viver. Uma conexão que permanece adormecida em meio ao caos. Uma ideia distante, mas que retorna em um momento de alívio, uma fuga. O momento em que todos os pontos isolados se conectam, e criam o sentido que faltava. Finalmente aquele ócio se torna produtividade e pela primeira vez, por meio da serigrafia, consigo transportar para uma criação como eu me sentia naquele momento, um processo que necessita de autoconhecimento para transmitir e sintetizar se transformando em criação. E, assim, começa a caminhada que me trouxe até aqui e, que tem as linhas da minha história, escrita até esse momento.

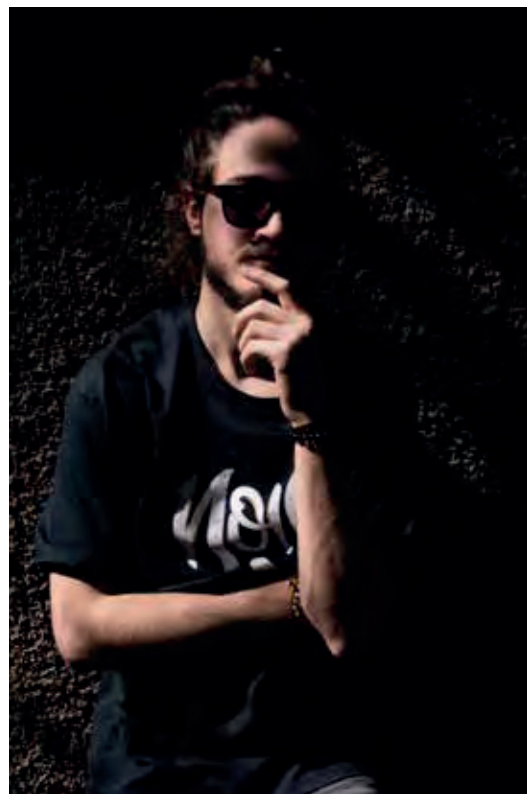


FIGURA 1. Luiz Galassi, 2018. Foto por João Matiello, Jaú, 2018.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

JÚLIA COMIN

Eu nunca gostei das roupas que eram vendidas nas lojas. Comecei a customizar minhas roupas sem saber que era isso que eu fazia. Cortava daqui, rasgava dali e pronto! Uma roupa novinha, muito mais a minha cara. A vontade de me expressar através do meu modo de vestir já era forte desde criança.

No 2º ano da faculdade foi a primeira vez que tive a oportunidade de mexer com a Serigrafia. Foi amor à primeira vista. A cor da emulsão, a textura das tintas, a facilidade em “bater uma tela”. Tudo era muito agradável nessa técnica, até os inúmeros passos e suas variantes na preparação de uma estampa e uma tela aguçavam a curiosidade. Aliás, até hoje, lavar todos os materiais, é sem dúvida, uma das melhores partes. Jogar água em tudo, se molhar na medida e ver tudo limpo, pronto para o processo recomeçar é sensacional. Passar o rodo é incrível também, não posso deixar de registrar. Uma preparação de dias, às vezes, meses, para passar o rodo em alguns segundos sobre a tela e “plin” uma linda arte serigrafada. Com todas as suas perfeições e imperfeições perfeitas. Acredito que desde o meu primeiro contato com a serigrafia tudo foi muito sensorial. Uma verdadeira viagem de conexão do meu corpo com a minha mente. E continua sendo...



FIGURA 2. Júlia Comin, 2018. Foto por João Matiello, Jaú, 2018. Fonte: Acervo pessoal dos autores.



FIGURA 3. Luiz Galassi e Julia Comin, 2018. Foto por Adie Mathias, Bauru, 2018.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

CAXI + JÚLIA JÚLIA + LUIZ

Certo dia, estávamos trocando uma ideia sobre fazer umas camisetas juntos. Com a ilustra pronta e um pensar de projeto colaborativo, mesmo ainda sem saber exatamente o que isso significava, um convite foi o necessário para que os dois topassem embarcar juntos nessa proposta.

Passado um tempo, com as primeiras peças já prontas e vendidas, surge um novo convite, mas dessa vez para começar um negócio de verdade.

Começou aí o que chamamos de NÓIS.

The background of the entire page is a solid dark red. From the top edge, several thick, irregular drips of a slightly lighter red paint or ink run down the page, creating a vertical, textured effect. The drips vary in thickness and length, with some reaching towards the middle of the page and others shorter.

NÓIS NASCEU AQUI

O ATO DE CRIAR DESIGNS NUNCA É UM
PROCESSO COMPLETAMENTE NEUTRO, O
DESIGNER SEMPRE TRAZ ALGO PESSOAL
PARA O PROJETO.

(Rick Poynor , 2003)

A NólS surge de uma vontade em comum de criar peças com serigrafia.

Duas histórias completamente diferentes, mas que convergiram em diversos aspectos, possibilitando assim um fluxo de trabalho que muitas vezes dispensa até diálogos. Como já citamos acima, a inquietação com o vestuário surge muito cedo nas nossas vidas, mas só realmente é colocada em prática em 2017 quando decidimos criar algo que há muito tempo acreditávamos ser o que queríamos fazer. Um trabalho que seria impossível ser realizado por apenas uma pessoa, além do pouco conhecimento na área, tudo era feito de forma muito caseira. Criamos algumas estampas, compramos algumas telas e no fundo do quintal com alguns pedaços de papelão, que serviram de berço e 20 camisetas brancas, surgiu o primeiro protótipo do que hoje chamamos de NólS.

A marca ganhou um logo e começou a se desenvolver rumo ao que é hoje, em agosto de 2018, a partir de um convite para participar de uma loja colaborativa em Jaú. Já sabendo que era impossível trabalhar sozinho, firmamos uma parceria. Desde então, juntos, passamos por muitas experiências, vivemos um enorme aprendizado, aprendemos cada vez mais como trabalhar de forma saudável e produtiva, participamos de uma loja colaborativa, saímos dessa loja, lançamos 2 coleções e acertamos inúmeras vezes, mas principalmente cometemos muitos erros. E estes permitiram toda a evolução na prática.



O que iremos contar nos próximos tópicos é o desenvolvimento dos nossos experimentos em serigrafia, incubados no LabDesign.

Mais precisamente, iremos contar como está crescendo, a NólS. Nosso embrião. Nossa forma de se relacionar com o mundo. Um jeito de construir projetos aliando iniciativas colaborativas e sustentáveis. Um novo olhar para a serigrafia e para as técnicas artesanais e manuais.

A marca tem dois propósitos principais. O primeiro é o nosso desenvolvimento pessoal, o resgate da conexão entre corpo físico e mental através do contato com técnicas manuais e experimentações. O segundo é uma proposta de criação e produção autoral sustentável, onde a produção de estampas e de peças únicas e artesanais crie uma relação de consumo mais consciente. No final um propósito acaba completando o outro.

A GENTE TRABALHA ASSIM

Vejo que o tempo é o que é realmente escasso. E acho que a outra coisa que está na raiz da crise ambiental é a falta de conexão. Então, uma das coisas que dizemos estar alimentando a crise da insustentabilidade é a crise de significado. Há uma falta de conexão entre as pessoas e a natureza, e entre pessoas e pessoas. E também em relação ao que significa ser humano, as pessoas perderam a noção em relação a isso. Isso se tornou um desafio. Essas são as coisas que precisamos começar a atingir.

(FLECHER, 2018)

Existem diversas definições para sustentabilidade, mas muitas vezes este conceito é interpretado erroneamente. Conforme Brundtland (1987), "desenvolvimento sustentável é o que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer as habilidades das gerações futuras de satisfazerem suas próprias necessidades".

Segundo a pesquisadora Pazmino (2007), a sustentabilidade é um processo mais abrangente e complexo do que parece. Ela contempla que o produto seja economicamente viável, ecologicamente correto e socialmente equitativo. Dessa forma, envolve a esfera cultural, o equilíbrio, a equidade social, política e humana, respeitando os limites do planeta.

Contudo, esse não é, nem de longe, um processo rápido ou simples de ser resolvido.

O pensar sustentável precisa ser, além de tudo, palpável e aplicável, caso contrário, não é funcional e não apresenta impacto no mundo.

Dentro do design, a linha de raciocínio não é diferente. De acordo com Vezzoli (2012) na história, mais especificamente desde a metade do século passado, o ser humano traça uma linha que vai desde a degradação e poluição desenfreada até o despertar, ainda que tímido, para iniciativas e modelos de vida mais sustentáveis na contemporaneidade. Seguindo esta tendência, o design foi sendo moldado junto ao mercado, seu foco de projeto durante esses últimos anos tem se voltado cada vez mais para pré-requisitos sustentáveis e se afastando de modelos de produção de alto impacto ambiental.

Seguindo a linha de pensamento da pesquisadora Pazmino (2007), o design deve satisfazer as necessidades humanas básicas de toda a sociedade. Surgem, aí, ações e pesquisas em prol de um design para a sustentabilidade. Na prática, segundo Vezzoli (2012), em seu mais amplo significado, isso quer dizer que qualquer prática de design, educação ou pesquisa que, de uma maneira ou de outra, contribuiu para a sustentabilidade, é considerado um desenvolvimento de design para sustentabilidade.

Sendo assim, de nada adianta o impacto ambiental e o valor de certo produto serem considerados sustentáveis, se a produção for

gerada com trabalho escravo. A sustentabilidade deve estar na essência do projeto, participando deste como um todo.

A favor da corrente do design para a sustentabilidade, surge a slow fashion, um movimento inspirado no conceito slow proveniente do slow food, vai chegar ao design como slow design, e atingir a moda com o slow fashion em oposição às fast fashions. Segundo Anicet (2011), slow fashion é uma maneira de projetar na qual, o foco é voltado para as pessoas, e a comercialização do produto é deixada em segundo plano. Esta busca o foco do local, preocupa-se com benefícios e transformações socioculturais e ambientais; busca, na criação de novos modelos econômicos, de negócios e oportunidades uma mudança comportamental e uma democratização do design.

Dessa forma, o slow fashion sugere uma produção mais consciente, repensando a quantidade, a qualidade e a forma que estes produtos são criados, produzidos, distribuídos e comercializados.

Estamos assistindo um processo de conscientização dos consumidores e uma crescente preocupação com as práticas sustentáveis pelos designers, no entanto se verifica que a sustentabilidade ainda é pensada como fator externo ao projeto e não como parte intrínseca do seu desenvolvimento.

Em uma entrevista da jornalista Gabriela Machado, com a pesquisadora Kate Fletcher a seguinte questão foi levantada:

Você acredita que a moda lenta, ou slow fashion, é um movimento ou um mercado?

Eu acho que se fosse verdadeiramente alinhado ao movimento slow food, que era muito social e conduzido pelo prazer e pelo gosto, seria mais próximo de um movimento, mas não é. Até agora é essencialmente um mercado. Não que isso seja necessariamente ruim, acho que tudo tem um ritmo e alguns são mais rápidos que outros. Em relação às roupas, tudo está indo muito rápido e isso não está refletindo a energia simbólica e valores [empregados]. Eu não sei se a palavra slow é realmente útil porque, para mim, tudo o que ela faz na mente das pessoas é estabelecer um dualismo e oposição entre rápido e lento quando, na verdade, a mensagem é sobre um engajamento diferente [com o processo produtivo]. Mais uma vez o problema é que o termo foi sugado pelo mercado muito rapidamente e se tornou um simples dualismo rápido versus lento. E isso é uma pena.

De acordo com Chiara Klajmic (2014), desde os anos 2000, a moda entrou em descompasso deixando de representar o mundo contemporâneo. Enquanto crescia uma tendência global em repensar o consumo desenfreado e o desperdício de recursos, a moda seguia a corrente contrária, fortalecendo cada vez mais as fast-fashions, com sua rotação absurda de coleções com peças de baixíssima durabilidade, tornando as roupas praticamente descartáveis. O problema com essa tendência é justamente o desperdício e o consumo desenfreado, que geram toneladas de lixo têxtil e outros tipos de poluição vinculados ao descarte de outros resíduos dessas produções.

Mas, ainda há esperança de amplificação do pensamento para a sustentabilidade que repercute na valorização do upcycling. O upcycling é uma nova forma de produzir baseada na reutilização da modelagem, matéria prima, aviamentos e outros componentes da peça original que, a partir da recriação e da ressignificação, resulta em maior valor agregado às peças recuperadas e que terão sua vida útil estendida.

Segundo Gabi Mazepa, estilista do Re-Roupa, no upcycling são utilizadas duas principais técnicas de modelagem: uma em que a estrutura e tamanho de uma peça “principal” são mantidos e agregam-se elementos de outras peças a ela, e outra em que uma nova peça é montada do zero, independentemente do tamanho das peças utilizadas para formá-la. Também no processo criativo e produtivo do upcycling outras opções podem ser exploradas, como por exemplo, a associação de duas peças que podem transformar em uma ou

mais peças, tanto destinadas a vestuário quanto a acessórios.

Sendo assim, essa técnica vem se mostrando cada vez mais como um caminho promissor para marcas e designers que buscam por uma estética que possa novamente representar a contemporaneidade.

Entender o que é o cenário contemporâneo é essencial para o entendimento deste projeto como um todo.
recuperadas ou recriadas.

“O design contemporâneo é uma ação de tradução do momento presente. (...) Podemos perceber a presença das questões da diversidade, multiplicidade, confronto e visões de mundo diferenciadas, interações entre imaginários e culturas, novas construções materiais e simbólicas, multidimensionalidades, fragmentações, metamorfoses, hibridismo e consciência ambiental como elementos característicos dos discursos desenvolvidos e construídos no cotidiano”.

(MOURA, 2013)

A que vamos retratar a seguir se refere aos últimos 29 anos, mais precisamente, desde o início da década de 90.

Segundo a pesquisadora Moura (2015), a contemporaneidade passa a ser presente no design brasileiro a partir dos anos de 1990 e resulta das alterações sociopolítica e culturais resultantes das mudanças de paradigmas causadas pela pós-industrialização, o crescimento e fortalecimento da globalização, o acesso mais amplo a internet, a valorização do digital e a rápida circulação de informações e conhecimento, a valorização de culturas locais, a revalorização do artesanal e manufaturado, a urbanização das cidades e o crescimento populacional e o ideal de progresso ininterrupto somado a aceleração do tempo.

No exercício de tradução desse tempo, do momento, as características e dinâmicas do tempo em que vivemos se refletem diretamente nas produções do design contemporâneo, trazendo uma visão completamente diferente sobre construção de projetos, objetos, informações, serviços.

Na contemporaneidade a interdisciplinaridade é marcante, o desenvolvimento a partir de sistemas coletivos e projetos colaborativos crescem cada vez mais. É necessário a representação da diversidade, das metamorfoses, da consciência ambiental e coletiva, de visões de mundo diferenciadas, das multidimensionalidades, fragmentações, hibridismos e o próprio confronto dos modelos antigos. O design contemporâneo é expressivo, rompe barreiras, é experimental, explora o material, as texturas, aproveita o processo, mescla o digital com o artesanal e propõe uma reflexão aos modos de produção e sua sustentabilidade num futuro próximo.

IDENTIDADE VISUAL



FIGURA 4. LOGOTIPO NÓIS. Arte produzida pelos autores.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Lato

Glyph

LI

Nóis

Styles

Thin

Thin Italic

Light

Light Italic

Regular

Regular Italic

Bold

Bold Italic

Black

Black Italic

Characters

ABCĆDEFGHIJKLMNOPQRSŠTUV
WXYZŽabcćdefghijklmnopqrsštuvw
xyzž1234567890‘?’“!”(%)[#]{@}/&\<-
+÷×=>®©\$€£¥¢::,,*

SUBSCRIBER REGULAR

Tipografia Auxiliar



Nóis

GLYPH

SB

CHARACTERS

ABCĆDEFGHIJKLMNOPQRSŠTUVWXYZŽABCĆDE

FGHIJKLMNOPQRSŠTUVWXYZŽ1234567890'?'!“(

%)#}{@}/\$\\<-+÷x=>®©\$€£¥¢;:,.*

STYLES

REGULAR

The background is a solid pink color. There are several thick, red paint-like drips running vertically down the page, starting from the top edge. The drips are irregular in width and length, with some having small droplets at the end. The text is white and positioned in the upper right quadrant, partially overlapping the drips.

VAMO ENTENDER
DO QUE A GENTE
TÁ FALANDO

ESTAMPARIA ARTESANAL

O processo de estamparia artesanal consiste na aplicação de uma imagem, um desenho, um texto a uma superfície têxtil de forma manual, sem a utilização de automação/máquina. Especificamente, em nosso caso, o processo inicia-se com a fixação da camiseta no berço com o auxílio e utilização da cola de contato para tecidos; após esse passo a tela é sobreposta a camiseta, a tinta é depositada em sua área impermeabilizada e com o auxílio de um rodo é espalhada sobre toda a tela; o rodo é passado novamente exercendo uma pressão maior, dessa vez com o intuito de forçar a tinta promovendo sua fixação na superfície.



FIGURA 6. Tela de Serigrafia.
Foto por Adie Mathias, Bauru, 2018.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.



FIGURA 5. Processo de serigrafia, 2019. Foto da Oficina de Estamparia Artesanal para o Atelier Garabato, Jaú, 2019.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

SERIGRAFIA

Serigrafia, também conhecida como silk-screen ou impressão a tela, é um processo de estamparia milenar.

O significado da palavra serigrafia tem origem em latim e significa SERICUM = Seda e GRAPHIA = Desenhar, escrever e gravar. A palavra em inglês – Silk Screen também remete a tela de seda, material utilizado na origem da serigrafia, que data do século XV na China. A técnica, que foi aperfeiçoada no século XIX vem sendo utilizada até hoje em diversos tipos de trabalhos, tanto artesanais quanto industriais.

Mais especificamente, a serigrafia ocorre a partir de uma tela (matriz serigráfica) preparada em processo fotográfico, onde as áreas vazadas permitem a passagem da tinta, pressionada por um rodo, gerando a imagem, a estampa.

A tela, que nos dias de hoje, é feita de nylon ou poliéster, é esticada em um bastidor de madeira, alumínio ou aço. Após a matriz estar montada ela necessita ser preparada para a gravação.

A preparação da tela se inicia com a limpeza e a lavagem do tecido com desengraxante, responsável por limpar qualquer sujeira ou gordura proveniente do ambiente ou das mãos de quem está manuseando a tela. O segundo processo é de emulsão da tela, ele é realizado com o auxílio de uma canaleta que deposita uma fina camada de emulsão fotosensível; após a secagem completa da emulsão inicia-se o processo de gravação da matriz serigráfica.

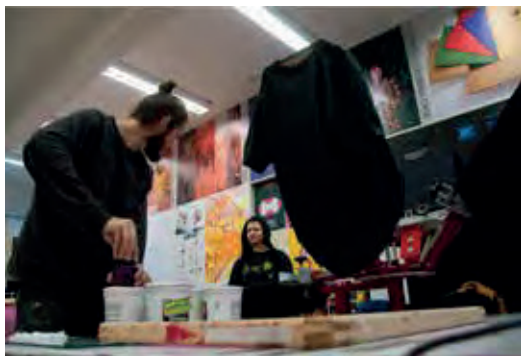


FIGURA 7. Suporte de berços para serigrafia em CMYK. Foto por Adie Mathias, Bauru, 2018. Fonte: Acervo pessoal dos autores.

ESTRUTURA PARA A ESTAMPARIA SERIGRÁFICA

Com a matriz já finalizada vamos para os processos de “encaixe”, onde 3 parafusos são anexados a tela, sendo dois parafusos laterais e a chaveta (2 parafusos posicionados de forma perpendicular) que é fixada no meio da matriz. Os parafusos laterais são responsáveis pelo deslocamento vertical da arte e consequentemente pela inclinação da mesma, enquanto a chaveta é responsável pelo deslocamento horizontal. A tela então é posicionada sobre o berço - madeira revestida com uma fina espuma e coberta por um tira de courvin - nele também está fixo o trilho - ferro anexado ao berço que serve de base de apoio para os parafusos laterais - e o morcete - chapada de alumínio anexada ao trilho perpendicularmente que serve de base de apoio para a chaveta.

Aqui deveria ter fotos explicativas ou um pequeno infográfico



FIGURA 8. Quadros de serigrafia com chavetas. Foto pelos autores, 2019. Fonte: Acervo pessoal dos autores.

RETÍCULA

Falar em serigrafia significa lidar com a retícula presente no tecido, na trama das telas utilizadas no processo de estamparia.

Retícula provém do latim *reticŭla* e significa pequena rede.

No design gráfico, artes gráficas e em fotogravura, significa, uma rede de pontos, interposta entre uma base e a estrutura intermediária, que torna possível a reprodução dos meios-tons pela decomposição da imagem em inúmeros e pequeníssimos pontos; retículo.



FIGURA 9. Exemplo de Quadricromia.

Fonte: <<http://palmira-cga.blogspot.com/2010/04/cores-subtractivas-da-luz-nocao-de.html>>

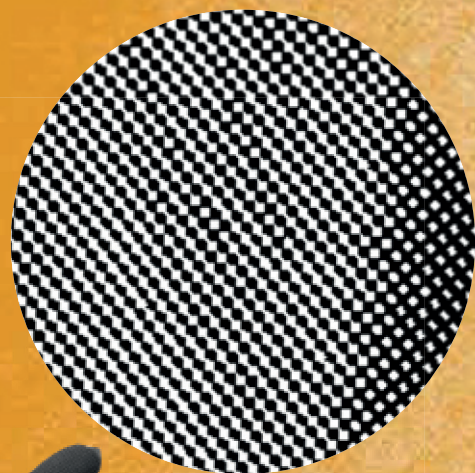


FIGURA 10. Teste de impressão com a arte reticulada.
Arte produzida pelos autores, 2019.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

QUADRICROMIA

Outro aspecto que se relaciona a serigrafia é a quadricromia.

A quadricromia é uma técnica que possibilita a reprodução de qualquer arte, seja ela uma foto ou uma ilustração. Uma grande variedade de cores do espectro visual pode ser reproduzida a partir da sobreposição das 3 cores primárias - ciano, magenta e amarelo – que, somadas ao preto (cor chave na definição de detalhes da arte) geram uma imagem com detalhes visuais, de volume, sombreamento, entre outras características. Portanto, através de um sistema de separação de cores digitalmente obtidas no software Photoshop, criamos 4 fotolitos reticulados, dos quais cada um representa uma das telas que será utilizada, assim como uma das cores (CMYK).



MONOTIPIA SERIGRÁFICA

Mono (única) + Tipia (impressão)

De acordo com Luise Weiss (2003), a monotipia é uma técnica híbrida entre pintura, desenho e gravura, que consiste na impressão pela retirada de tinta de uma certa superfície para outra. Ou seja, neste processo, a tinta é passada sobre uma base (madeira, vidro, folhas, flores, etc.) com a pretensão de aproveitar as texturas do próprio material e também de criar suas próprias texturas e intervenções. Estas serão transferidas por pressão para um suporte, seja, papel, tecido, plástico. Dessa forma, a monotipia permite uma impressão única, podendo render mais de um exemplar por base, mas que nunca serão idênticas uma à outra. São imagens únicas.

Monotipia Serigráfica é o nome dado para uma técnica de nossa autoria, híbrida entre a monotipia e serigrafia. Sobre uma base (tecido, papel, etc.) colocamos uma tela desgravada – com o poliéster limpo sem nenhuma gravação – e aplicamos com o rodo uma mancha de tinta livre. Esta pode ser de qualquer cor e ter texturas adicionadas com a mistura de cores diferentes, deixando o resultado mais imprevisível, autêntico, único.



Veja a técnica através desse QR CODE
Ou acesse o endereço : [bit.ly etc](https://bit.ly/etc)



COLAGEM

A colagem é uma técnica milenar que consiste na sobreposição de duas ou mais imagens sobre uma mesma superfície, criando composições diferenciadas e explorando diversas possibilidades gráficas e visuais.

Ela começou a tomar a forma que conhecemos com a invenção do papel, sendo usado em manuscritos chineses. Mas, foi no durante o Cubismo e o Modernismo que esta ganhou mais força, juntamente com o avanço das tecnologias.

A técnica aparece ainda em outros movimentos artísticos como no Dadaísmo, Surrealismo, Pop Art., e está presente até nas obras da contemporaneidade.

[...] nenhum outro fator influenciou mais a arte de vanguarda que a tecnologia, que não só incendiou a imaginação dos artistas (com o dinamismo, o culto à máquina, a beleza da técnica, as atitudes construtivista e produtivista), como penetrou no coração mesmo da obra. A verdadeira invasão da tecnologia na fabricação do objeto arte e o que se poderia vagamente chamar de imaginação tecnológica podem ser melhor entendidos através de práticas artísticas como a colagem, a montagem, e a fotomontagem; e desembocam ainda na fotografia e no filme, formas de arte que podem não só ser reproduzidas, mas que são na verdade planejadas para a reprodutibilidade técnica.

(HUYSEN, 1997)



FIGURA 11. Copo e Garrafa de Suze. Pablo Picasso, Colagem e Guache sobre cartão, 1912.

Fonte: <http://www.germinaliteratura.com.br/2010/artes_jose_aloise_bahia_distorcao_jun10.html>



FIGURA 12. Colagem digital . Elisa Riemer, Coleção Anatomia, 2018..
Fonte: <<https://br.pinterest.com/pin/242772236146147890/>>

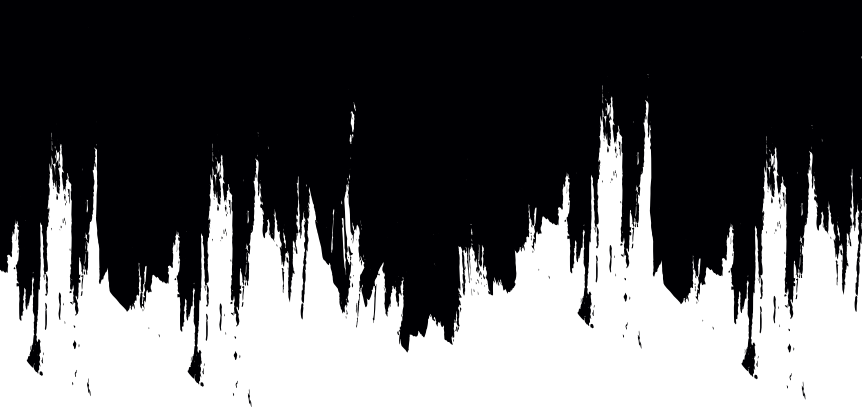


FIGURA 13. Colagem Manual . Julia Comin, 2018.
Fonte:Acervo pessoal dos autores



FIGURA 14. Colagem manual. Raoul Hausmann, colagem , Paris, 1924.
Fonte: <http://www.germinaliteratura.com.br/2010/artes_jose_aloise_bahia_distorcao_jun10.htm>



FIGURA 15. Colagem . Henri Matisse , Jazz, 1974.
 Fonte: <<https://vejario.abril.com.br/cultura-lazer/ultima-semana-para-ver-as-colagens-de-matisse-na-caixa-cultural/>>

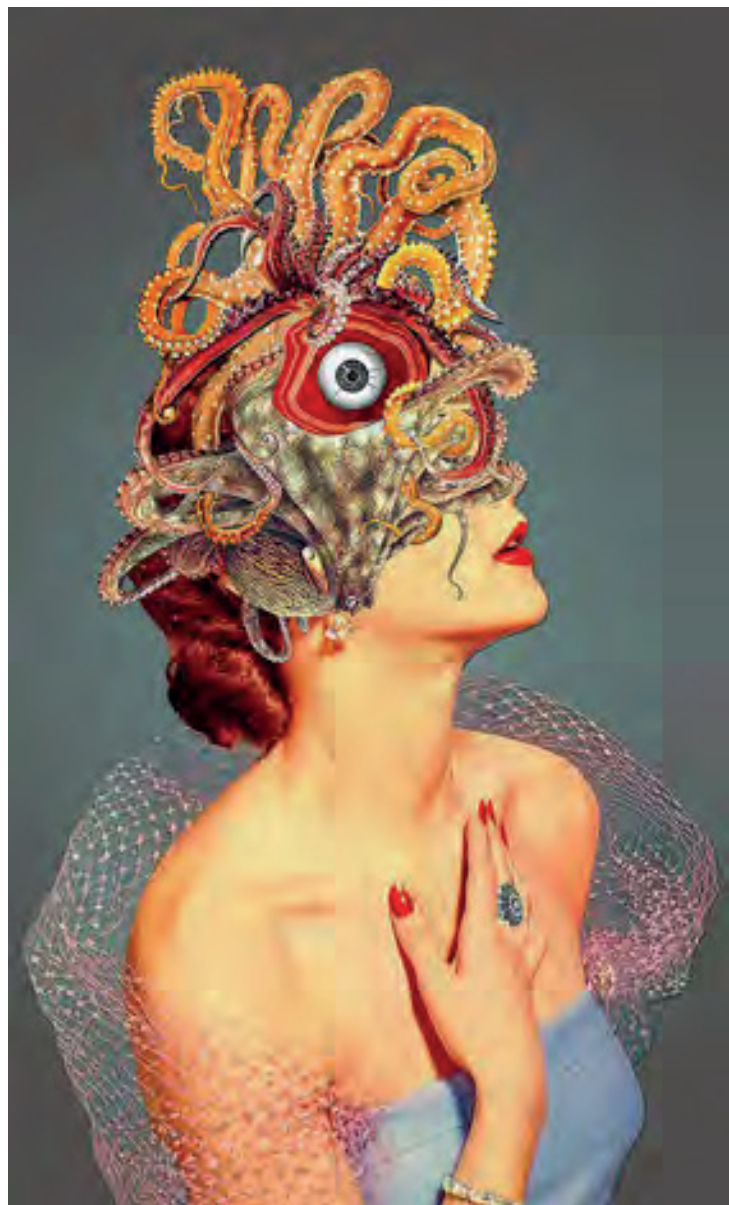


FIGURA 16. Fred Vs Jung. Eugenia Loli, Colagem, 2015.
 Fonte: <https://www.flickr.com/photos/eugenia_loli/19028580240>



FIGURA 17. Just Was It That Made Yesterday's Homes So Different, So Appealing?. Richard Hamilton, Colagem, 1954.
Fonte: <<http://adriattesempre.blogspot.com/2013/10/colagem-do-principio-colagem-pop.html>>

LETTERING

Se traduzirmos o termo lettering para o português, em uma tradução livre, teríamos o termo letreiramento, que de acordo com o livro Abridores de letras de pernambuco pode ser interpretado de duas maneiras diferentes o primeiro é mais amplo e define o lettering como qualquer processo para desenhar e escrever letras, já o segundo é mais específico e diz que o lettering é uma técnica manual para obtenção de letras únicas, especificamente a partir do desenho.

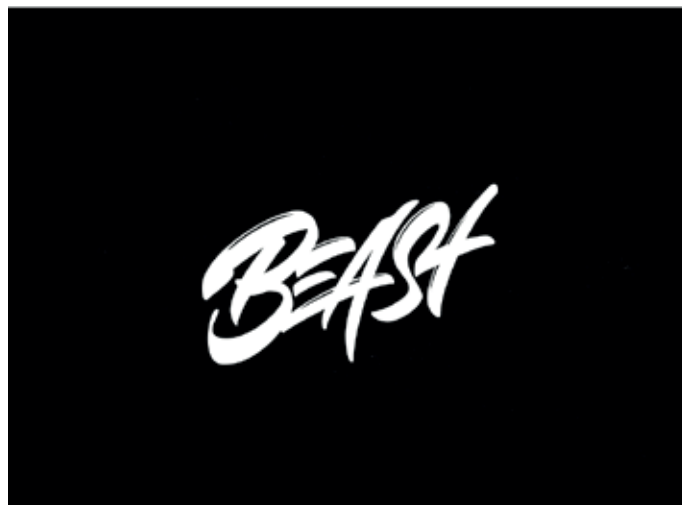


FIGURA 18. Lettering. Nikita Letter Maniac Raizvikh, 2016.
Fonte: <<https://www.behance.net/gallery/46356919/Lettering-set-7>>

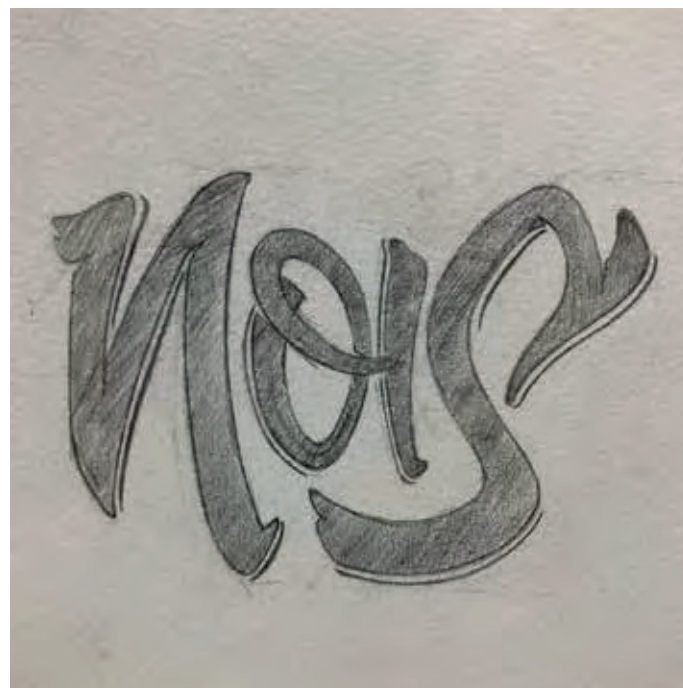
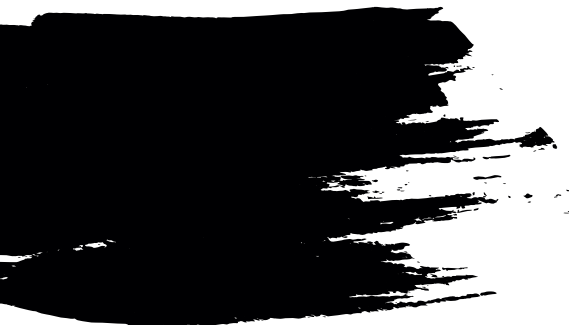


FIGURA 19. Lettering do Logo da Nóis.
Arte produzida pelos autores, 2018.
Fonte: Acervo Pessoal dos Autores.



FIGURA 20. Lettering do Logo da Nóis.
Arte produzida pelos autores, 2018.
Fonte: Acervo Pessoal dos Autores.



VIVÊNCIA NO LABDESIGN

Começamos nossa vivência no LabDesign em 2015, na matéria de Oficina Gráfica, um ano um tanto quanto eufórico em nossas vidas. Sabíamos desde a primeira aula que gostávamos da proposta dos conteúdos do Lab, no entanto o foco naquele momento estava em outro local, por coincidências do destino, ou não, pegamos DP dessa matéria.

Retornamos nossa vivência no Lab em 2016, quando conseguimos completar nosso livro de memórias (proposta da disciplina de Oficina Gráfica). Esse foi nosso primeiro contato com a Serigrafia. Sempre tivemos uma facilidade com técnicas manuais, acreditamos que por influências de coisas que fazíamos quando crianças.

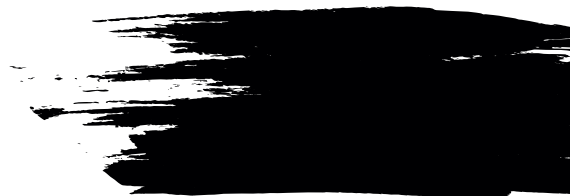
Voltamos para o Lab em 2018, no quarto semestre, para a matéria de Projeto 3. Nela o trabalho a ser desenvolvido era um projeto transmídia que englobava o desenvolvimento de uma revista. A intensidade das produções aumentou quando decidimos que nossos trabalhos seriam produzidos em serigrafia, cada uma com suas peculiaridades, mas ambas envolvendo muitos testes e novas vivências dentro do LabDesign.

Foi a primeira vez que tivemos o contato com o processo inteiro da serigrafia. Devido ao resultado da revista a Mônica nos convidou a fazer parte da equipe do laboratório como monitores.

A monitoria foi um divisor de águas em nossas vidas, não se pode ensinar algo que não se tem certeza, então tivemos que estudar antes de monitorar. Dessa forma, auxiliamos 3 turmas, que juntas somavam 76 pessoas. Neste semestre a proposta da Oficina Gráfica mudou, sendo desenvolvido 1 minilivro por aula, feito com a técnica e acabamento ensinados na mesma. Ao todo foram produzidos 608 livros com uma riqueza estética e uma variedade incrível.

O aprender ensinando possui um teor muito diferente de apenas receber a informação, quando se ensina, a troca é muito maior.

Foi a primeira vez que tivemos o contato com o processo inteiro da serigrafia. Devido ao resultado da revista a Mônica nos convidou a fazer parte da equipe do laboratório como monitores.



A monitoria foi um divisor de águas em nossas vidas, não se pode ensinar algo que não se tem certeza, então tivemos que estudar antes de monitorar. Dessa forma, auxiliamos 3 turmas, que juntas somavam 76 pessoas. Neste semestre a proposta da aula mudou, sendo desenvolvido 1 minilivro por aula, feito com a técnica e acabamento ensinados na mesma. Ao todo foram produzidos 608 livros com uma riqueza estética e uma variedade incrível. O aprender ensinando possui um teor muito diferente de apenas receber a informação, quando se ensina, a troca é muito maior.



Uma incubadora apresenta as condições ideais para o desenvolvimento e crescimento de determinada coisa. Quando fomos convidados a participar da loja colaborativa, ainda não fazíamos ideia de o quanto uma área de trabalho adequada acelera e possibilita o desenvolvimento da serigrafia de uma maneira muito mais rápida, fluida e funcional. Após firmarmos a parceria com a loja, entramos em contato com a Mônica que prontamente nos ofereceu toda a parte estrutural do LabDesign, isso possibilitou a produção artesanal em uma escala comercializável. Então, de forma simultânea a monitoria no LabDesign e na disciplina de Oficina Gráfica se inicia a produção da nossa primeira coleção. Foi a primeira vez que executamos todo o processo serigráfico com todos os materiais a mão, uma experiência incrível que possibilitou uma evolução muito grande dentro do projeto; o que nós carinhosamente chamamos de boom. Uma fase onde tudo ainda era muito novo e demandava um entendimento do processo antes da execução. A dúvida e o incerto ainda eram muito mais presentes do que a certeza dos resultados e a funcionalidade de certos macetes, trazendo consigo sempre um caos somado a uma realização.

INCUBAÇÃO DA NÓIS NO LAB



FIGURA 21. Primeira Coleção da NóIS. Fotos por João Mattiello, 2018.
Fonte: Acervo Pessoal dos autores.

Na primeira coleção, que não tem nome então é assim que nos referimos a ela, o foco era utilizar duas cores, algo que não havíamos feito até o momento, consequentemente tivemos que aprender o sobre registro com chavetas e como queimar as telas registradas. Conceitos que hoje são fundamentais para a execução da técnica de cromia. O projeto foi um sucesso! Apesar de não termos percebido na época, o cuidado com que fazíamos as peças e a atenção para certos detalhes já traziam uma relação diferente entre as nossas roupas e os usuários. Aos poucos começamos a vender as nossas primeiras peças. Passinhos pequenos para a NóIS do passado, mas essencial para a NóIS do presente.

Alguns tempos depois, já calejados pela primeira coleção, começamos a desenvolver a segunda; “Reticulando” foi o nome escolhido, esta foi uma variação criada para o nome da técnica que exploramos - Retículas. Uma pequena escolha, que até o momento não sabíamos, mas nortearia uma grande parte do que o projeto é hoje.

Na segunda coleção decidimos trabalhar com uma cor a mais. Em busca de alguma inovação buscamos inspiração nas monotipias, uma das técnicas ensinadas na Oficina Gráfica do LabDesign, e criamos a monotipia serigráfica. Tivemos a ideia de utilizar a terceira cor como uma base branca para a estampa, e não como parte constituinte da estampa, um background em formato quase livre.

Nesta coleção, a proposta era explorar as formas de retícula e sua estética aplicada em vetor e em imagem. Trabalhamos também com a técnica de deslocamento de tela, que é uma técnica onde a mesma tela é deslocada, porém é batida com cores diferentes, criando um efeito parecido com o princípio do 3D azul e vermelho. Começamos a compreender, nesta fase, o tamanho em que os pontos funcionavam na tela e quais as suas limitações de leitura. Esta coleção foi extremamente necessária para termos o embasamento necessário para a coleção atual que foi criada e está sendo apresentada.

O estudo com retículas começou no desenvolvimento da segunda coleção. Nela, a proposta era explorar as formas de retícula e sua estética aplicada em vetor e em imagem.



FIGURA 22. Ensaio da coleção Reticulando. Foto por Adie Mathias, 2018.
Fonte: Acervo Pessoal dos autores.



FIGURA 23. Ensaio da coleção Reticulando. Foto por Adie Mathias, 2018.
Fonte: Acervo Pessoal dos autores.



FIGURA 24. Ensaio da coleção Reticulando. Foto por Adie Mathias, 2018.
Fonte: Acervo Pessoal dos autores.





FIGURA 25. Ensaio da coleção Reticulando. Foto por Adie Mathias, 2018.
Fonte: Acervo Pessoal dos autores.

The background of the page is a solid light pink color. There are several thick, vertical drips of a darker red paint or ink running down the page, starting from the top edge. These drips are irregular in width and position, creating a textured, artistic effect. The word 'REFERÊNCIAS' is printed in white, bold, uppercase letters, positioned in the upper right quadrant of the page, partially overlapping the red drips.

REFERÊNCIAS



FIGURA 26. Páginas do livro Oito viagens. Gustavo Piqueira, Colagem e Xilogravura, 2017.
Fonte:< <http://www.gustavopiqueira.com.br/oito-viagens.html>.>



FIGURA 27. Dos Tierras. Ju Sting, Colagem Digital, Mexico, 2017.
Fonte:< www.gustavopiqueira.com.br/oito-viagens.html.>



FIGURA 28.Paralaxe Ordinário. Ju Sting, Colagem Digital, 2018.
Fonte:< <https://www.behance.net/gallery/64440219/PARALAXE-ORDINARIO-ep-cover>>

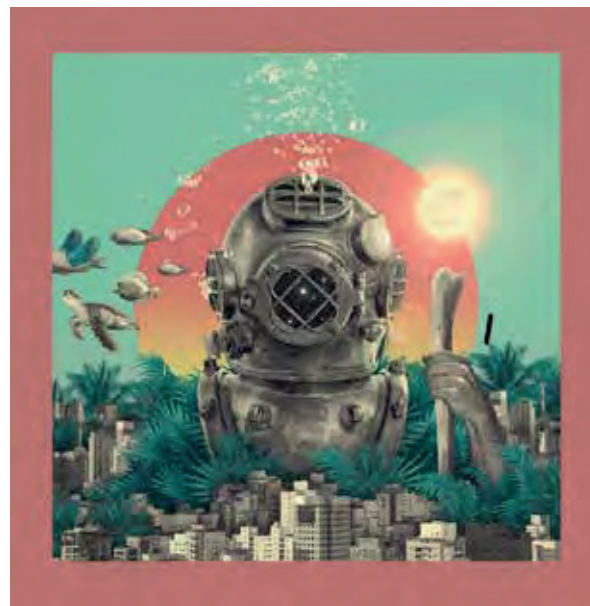


FIGURA 29.Spaniol & Meraki. Ju Sting, Colagem Digital, 2018.
Fonte:< <https://www.behance.net/gallery/51727607/CONFISSAO-album-cover>>

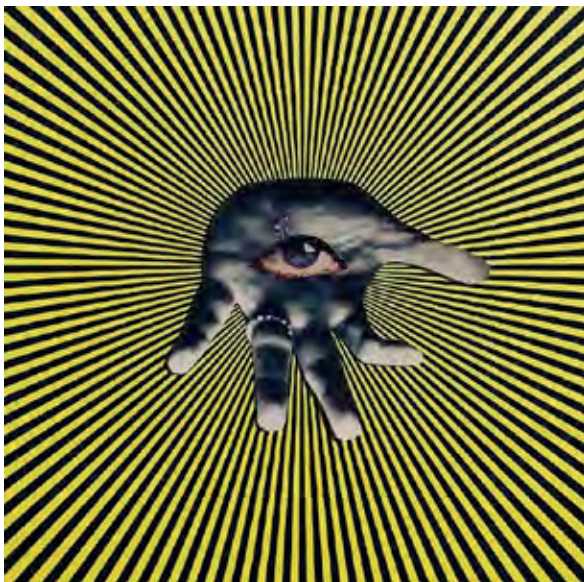


FIGURA 30. Third Eye. Howie Wonder, Colagem Digital, 2019.
Fonte:< <https://www.instagram.com/p/BueXM8IFmnR/>>



FIGURA 31. VanGoth, Colagem e ilustração, 2019.
Fonte:<<http://bit.ly/vangoth>>



FIGURA 32. Sonido Trópico Ju Sting, Colagem digital e ilustração, 2018.
Fonte:< <https://www.behance.net/gallery/72082457/COSMIC-poster>>



FIGURA 33. Serg Nhaev, Colagem , 2018.
Fonte:< <https://www.instagram.com/p/BrxHX5hBe6X/>>



FIGURA 34. VanGoth, Colagem e ilustração, 2019.
Fonte: < <https://www.instagram.com/p/ByQwD74ATZ3/> >



FIGURA 35. Pokras Lampas, serigrafia em tecido, 2019.
Fonte: < <https://www.instagram.com/p/Bx-BgMSBKqh/> >



FIGURA 36. Mooncrab.jpg
Fonte: < <http://bit.ly/mooncabjpg> >

SOBRE A COLEÇÃO

A VIDA NÃO É O QUE A GENTE VIVEU, E
SIM A QUE A GENTE RECORDA, E COMO
RECORDA PARA CONTÁ-LA.

(MARQUEZ, 2002)

Alguns designers não concordam com a divisão do projeto em etapas. Eles argumentam que o processo, na prática, não segue uma sequência linear, tendendo a ser aleatório.

(BAXTER, 1998)

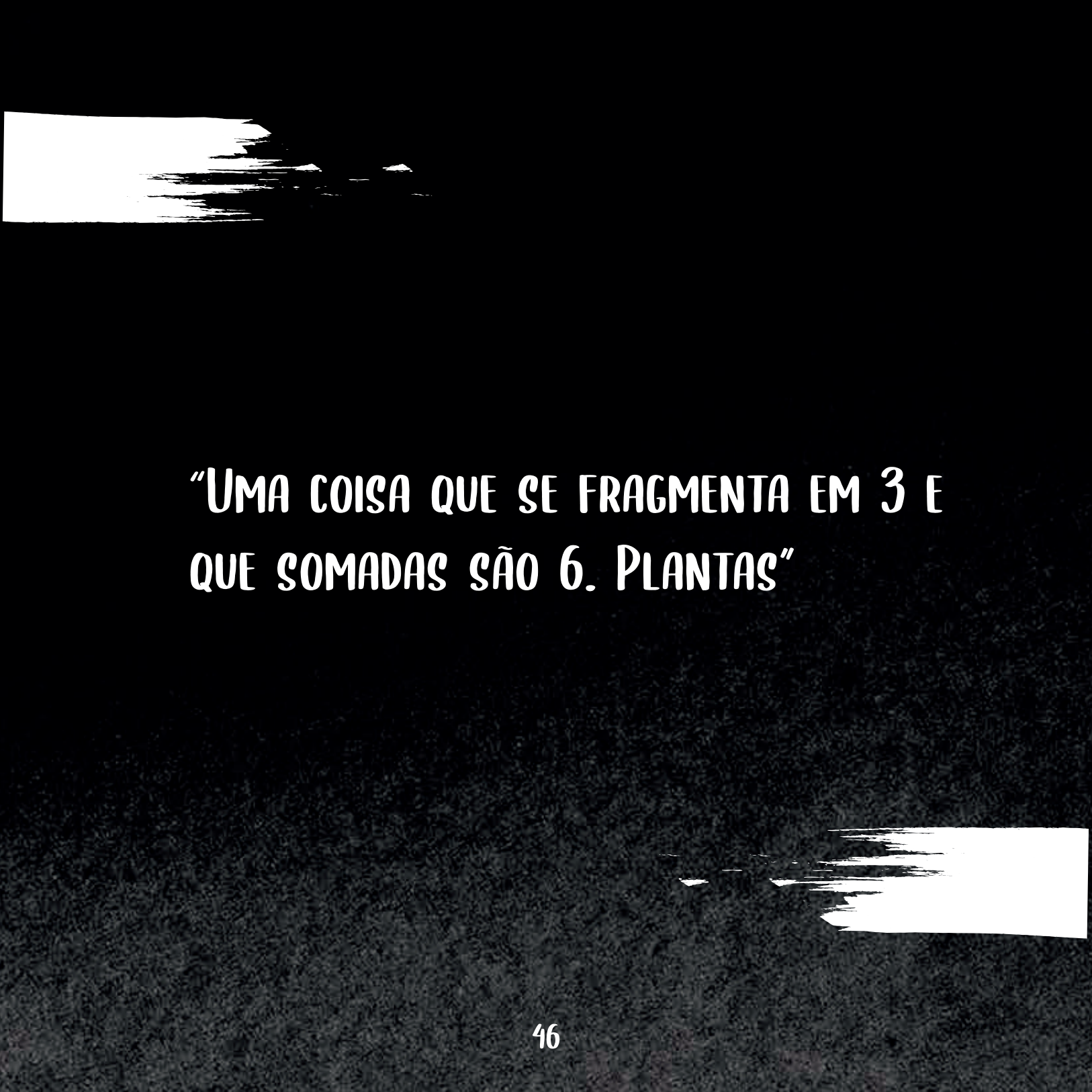
PROCESSOS CRIATIVOS, PRODUTIVOS E ORGANIZACIONAIS

O texto a seguir, conta a história de como desenvolvemos todo o nosso projeto. Um processo intenso de organização e aprendizado que aconteceu do macro para o micro e do micro para o macro em algumas vezes. Foram alguns sketches, vários testes, muitos contratempos e, sem dúvida, uma trajetória ímpar de criação.

Muitas ideias perambulavam por nossas cabeças. Um mar de possibilidades, de caminhos por quais poderíamos seguir. A única certeza que tínhamos era que essa coleção iria ser A Coleção. O ápice de todo o nosso aprendizado durante os anos cursando Design Gráfico na UNESP Bauru.

Por incrível que pareça a temática das nossas próximas estampas veio naturalmente. O que mais natural de um projeto que pretende sintetizar os 6 anos de aprendizado falando sobre os nossos 6 longos e intensos anos de graduação?

Logo a ideia foi tomando forma e depois de algumas várias reuniões escrevemos a frase que veio nortear todo esse projeto.



**“UMA COISA QUE SE FRAGMENTA EM 3 E
QUE SOMADAS SÃO 6. PLANTAS”**

Utilizando o Trello, uma plataforma virtual de organização de projetos, organizamos todos os passos necessários para concluirmos esse trabalho, desde a organização do evento até a finalização das peças.

Após todas as etapas planilhadas e com uma noção melhor da quantidade de trabalho, era hora de amadurecer e tornar mais palpável o conceito da coleção.

Como um bom projeto colaborativo, resolvemos envolver pessoas que poderiam nos dar outras perspectivas, viajar nas ideias e também colocar nossos pés no chão.

Recrutamos então, 5 amigos para uma reunião e começamos por explicar toda a magnitude do nosso trabalho. Na sala estavam a Adie, o Paulo Billy, o Léo, o Khaue, a Mariana e Nós. Nessa época o projeto se resumia a uma nova coleção com peças em modelagem especial - queríamos explorar outros modelos além de camisetas - um evento de lançamento, outro evento com oficinas sociais ministradas em escolas públicas de Bauru e um relatório em formato de livro que seria todo em serigrafia.

Foi aí que tomamos o nosso primeiro choque de realidade. Logo depois da nossa explicação, nossos amigos nos alertaram para o tamanho do projeto comparado ao tempo hábil que tínhamos para colocá-lo em prática. Discutimos sobre o que era realmente necessário para a entrega desse trabalho e analisamos tudo que poderia atrasar.

A solução foi tirar do trabalho a oficina social, o livro todo serigrafado e as modelagens. A primeira seria bem trabalhosa e envolveria a negociação com escolas e a movimentação de muitas pessoas para acontecer (era praticamente outro TCC); a segunda se tornava inviável pela quantidade de telas que tínhamos disponíveis; e a terceira trazia a problemática que nenhum de nós dois tinha conhecimentos de corte, costura e modelagem suficiente, e isso implicava em terceirizar o serviço, podendo ocorrer problemas com prazos e qualidade do produto.

Contudo, ainda queríamos muito trabalhar com peças diferentes. Foi aí que o Paulo teve um insight genial: porque não usarmos peças prontas vindas de brechós?

Sem ele nem saber, retomamos aí a ideia de usarmos o upcycling como técnica na nossa produção. Com o projeto mais enxuto e realista partimos para a conceituação da coleção.

Dando continuidade à reunião, optamos por fazer um brainstorm com a frase guia: “Uma coisa que se fragmenta em 3 e que somadas são 6. Plantas”. Colocamos essa frase no centro da folha e deixamos nossos amigos livres para interpretarem essas palavras, sem interferir na frase guia; esse foi um processo engraçado que cumpriu a ideia de nos tirar de dentro da caixa. Ao final tínhamos as seguintes palavras: raízes, organicidade, evolução, macro e micro. Estávamos no caminho para tornar mais palpável esse conceito tão abstrato.

Contamos então, o significado da frase. Essa “uma coisa” é a representação da nossa experiência na faculdade; o fragmento em 3 remete a vivência de cada um de nós e também a soma delas; e eles “somados são 6” porque são os 6 anos vividos dentro da UNESP; as plantas existem, pois, remetem ao processo natural da vida, o nascer, crescer e morrer, o cultivar algo dando suporte para seu amadurecimento e entendimento.

Finalizada a reunião, organizamos novamente nosso cronograma e check list e continuamos o desenvolvimento.

Para desenvolvermos uma coleção baseada na nossa graduação sentimos a necessidade de fazermos uma retrospectiva. Passamos os dias que seguiram lembrando e anotando experiências e sensações dos últimos 6 anos. Sentindo a necessidade de algo imagético criamos painéis semânticos ilustrando cada ano.

Nesse ponto, não entendíamos ao certo como dar continuidade a este processo criativo que envolvia tanto autoconhecimento.

Começamos a pensar em quais estilos gráficos gostaríamos de trabalhar nas estampas e prontamente escolhemos a colagem.

Decidimos que o melhor caminho para continuar o desenvolvimento era fazer uma das coisas que mais gostamos no projeto, era hora de fazer testes! Precisávamos entender na prática, até por uma questão organizacional das quantidades de telas que tínhamos disponíveis, como funcionaria a aplicação das técnicas de serigrafia nessa nova estética que estávamos buscando.

Fizemos composições separadas a fim de compreender pontos específicos. A única certeza que tínhamos era que queríamos experimentar a cromia, o famoso CMYK. Começamos a trabalhar no desenvolvimento das artes e simultaneamente fizemos toda a preparação das telas. Ou seja, desgravamos, desengraxamos e emulsinamos 6 telas, deixando tudo pronto para o momento de gravar. Com as artes prontas imprimimos todos as transparências e fizemos a gravação.

Pensando em como linkar as peças de upcycling com as camisetas decidimos testar a adição de um segundo tecido em pontos específicos das camisetas. Compramos assim, Brin nas cores rosa e verde musgo, e algodão cru. Com essas escolhas, tínhamos a intenção de experimentar cores e os tipos de fibra.

VAMO TESTÁ?



FIGURA 37. Telas teste gravadas para estudo em CMYK, 2019.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.



FIGURA 38. Tecidos de algodão utilizados no teste, 2019.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

FIGURA 39 . Estampa impressa no papel vegetal, 2019.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.



Utilizamos técnica mista de colagem, ilustração e lettering; o resultado tanto no digital quanto aplicado em serigrafia ficou dessa forma:

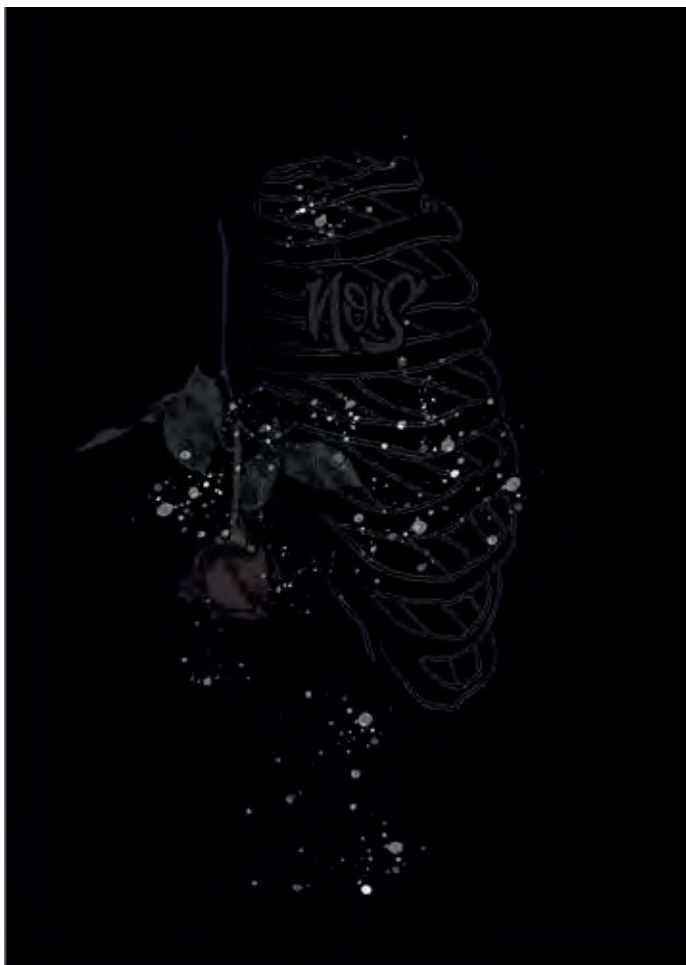


FIGURA 40. Estampa digital teste. Produzida pelos autores, 2019.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.



FIGURA 41 . Estampa aplicada em camiseta de algodão.
Produzida pelos autores, 2019.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Com esse teste queríamos ver a estética das retículas sob áreas bloqueadas de cor e como as estampas se comportavam, principalmente na leitura das peças, com a sobreposição de estampas.

A segunda estampa, que foi a que decidimos fazer em CMYK, tinha um trabalho bem mais desenvolvido com colagem, deixando os outros dois elementos, que já haviam sido testados, de fora da composição. O resultado tanto no digital quanto aplicado em serigrafia ficou dessa forma:



FIGURA 42. Estampa digital teste. Produzida pelos autores, 2019.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.



FIGURA 43. Estampa aplicada em camiseta de algodão.
Produzida pelos autores, 2019.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

A intenção com esse teste era ver o funcionamento da cromia, desde a preparação e fechamento de arquivo até o nível de dificuldade para encaixar todas as telas no mesmo registro.

Como normalmente fazemos, começamos a testar variações dessas estampas mexendo com cor, formas livres e a mistura das estampas; e o resultado foi esse:



FIGURA 44. Estampa aplicada em Tecido.
Produzida pelos autores, 2019.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.



FIGURA 45. Estampa aplicada em Tecido.
Produzida pelos autores, 2019.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.



FIGURA 46 Estampa aplicada em Tecido.
Produzida pelos autores, 2019.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.



FIGURA 47. Estampa aplicada em Tecido.
Produzida pelos autores, 2019.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Com todos os testes feitos muitas pessoas começaram a pedir camisetas da segunda estampa. Pensando em como viabilizar economicamente nosso projeto o interesse por esta arte nos caiu como uma luva. Decidimos então, fazer uma coleção cápsula com o objetivo de financiar a nossa nova coleção e também de testar a nova linha de produção. Neste ponto a linha de produção havia tido 2 novos processos adicionados, o de adicionar o tecido antes de bater as telas da arte e o de costurar o tecido.

Optamos por fazer uma série limitada de 20 camisetas. Utilizando o Instagram e o Formulários Google, recolhemos previamente os pedidos das camisetas e fomos as produções.

Durante a preparação do registro enfrentamos os primeiros problemas de muitos dessa produção. O primeiro ocorreu na hora de furar as telas para a fixação dos parafusos laterais e da chaveta; com a furadeira que tínhamos disponível, que por sinal era também emprestada, só haviam 2 tamanhos de brocas possível para completar essa tarefa.

ALIEMINA



Um, que era alguns milímetros mais grosso do que o desejado e outro, que era alguns milímetros mais fino do que o necessário. Pode não parecer, mas essas pequenas medidas para mais e para menos complicavam todo o processo. O furo com a broca maior deixava o parafuso frouxo e o furo com a broca menor fazia com que precisasse de muita força para colocar os parafusos no lugar certo.

Resolvemos nosso problema furando todas as telas primeiro com a broca mais fina e depois furando até a metade com a broca mais grossa. Assim, os parafusos não ficavam soltos e nem impossíveis de serem colocados.

Após essa etapa era hora de “bater as chaves”, ou seja, posicionar os parafusos de todas as telas na altura e na largura correta para todas as 4 telas do CMYK fossem batidas no mesmo lugar, gerando uma sobreposição quase perfeita dessas.

Na hora de posicionar as telas no berço para começar a fazer o registro tomamos um grande balde de água fria. O berço era muito menor do que a tela, isso fazia com que a estampa, que estava gravada centralizada, ficasse com a parte superior sem apoio para ser transferida para o tecido. Isso basicamente nos impossibilitava de fazer a serigrafia em todas as camisetas.

Rimos de nervoso por um bom tempo. E depois começamos a quebrar a cabeça em como resolver o problema. Assistimos inúmeros vídeos no Youtube, procuramos no Google, reviramos os materiais de serigrafia do LabDesign, desmontamos e montamos o berço, tiramos os parafusos de algumas telas, colocamos de volta. Foram inúmeras tentativas até pensarmos em inverter a posição do parafuso lateral direito com a chave, utilizando o morcete no quanto direito e colocar o trilho ao contrário. Ambas as modificações nos davam alguns CM a mais de tela para dentro do berço, deixando a estampa milimetricamente apoiada por completo. Novamente, problema resolvido com sucesso.



FIGURA 48. Encaixando a matriz no berço para início do processo de est amparia.

Fonte: Acervo pessoal dos autores.



FIGURA 49. Marcação das chavetas no berço.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Cortamos os 20 pedaços de tecido que seriam anexados nas peças e os organizamos ao lado do posto de trabalho. Neste deixamos os berços, 5 espátulas, 5 rodos e as 5 tintas. Começamos então a parte divertida, a estamparia. Posicionamos as camisetas no berço e batemos à tela em branco formando a monotipia serigráfica; colocamos o tecido sobre a tinta ainda molhada e secamos com o soprador térmico. Demos continuidade batendo as telas do CMYK na seguinte ordem: ciano, amarelo, magenta e preto, secando cada camada com soprador antes da aplicação da próxima.



FIGURA 50. Secando a primeira base de tinta com soprador térmico.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

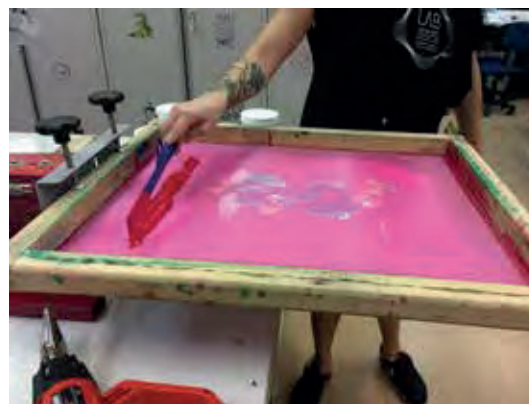


FIGURA 51. Estampando as camisetas.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Após todas as peças estampadas fomos a costura. Alinhavamos todos os tecidos e costuramos um a um na máquina de costura.

Com as peças prontas percebemos que não sabíamos como os tecidos iriam se comportar após a lavagem. Depois, conversando com uma de nossas avós, descobrimos uma regra básica na mistura de dois tecidos: eles precisam ser lavados juntos antes de serem aplicados juntos.

Conclusão, lavamos uma das camisetas para ver o que aconteceria. Ao estender a roupa já percebemos que algo tinha dado errado, o tecido mesmo mais escuro por estar molhado, parecia ter manchas pretas. Congelamos por um momento. A possibilidade de termos feito 20 camisetas que estragariam após a primeira lavagem ia contra tudo o que nós acreditamos sobre a vida de uma peça e poderia prejudicar todo o nosso trabalho já desenvolvido e o desenvolvimento o que ainda estava por vir.

Decidimos esperar a camiseta secar para entendermos melhor o que tinha acontecido. Após secagem tivemos a comprovação: o tecido rosa parecia desbotado e manchado de preto. Logo colocamos outra camiseta de molho para compreender o que estava soltando tinta e em que. Foi aí que tivemos mais uma surpresinha. Depois de umas horas de molho a estampa estava derretendo na área de maior aplicação de tinta.



FIGURA 52. Alinhando o tecido rosa na camiseta.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.



FIGURA 53 . Finalizando a costura na máquina.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Tudo parecia estar dando errado, e estava de certa forma. Desde o começo da produção dessa série de camisetas todos os processos tinham dado errado em algum momento. Contudo, não existia outra opção se não resolver esses dois novos problemas que apareceram.

O problema da estampa derretida parecia ser fácil de resolver, o Sérgio - Técnico do Lab Design - já havia comentado que a fixação da estampa deveria ser finalizada com a peça sendo passada com ferro pelo avesso. Dessa forma, passamos todas as camisetas e continuamos a pensar em como resolver o problema das manchas após a primeira lavagem.

Após um período refletindo, decidimos fazer dois testes. Pegamos uma das camisetas já manchadas e tingimos ela com um corante rosa; na busca de um tom mais parecido possível com o tecido diluímos bem pouco o corante e deixamos poucos minutos dentro da água. Lavamos. O resultado tinha ficado péssimo, a cor estava bem mais escura que a original e algumas áreas de tinta amarela haviam pegado o pigmento ficando com um aspecto magenta. Tingir as camisetas definitivamente não era uma boa solução.



FIGURA 54 . Camisetas de molho em água.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.



FIGURA 55. Aplicação de fixador.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.



FIGURA 56. Camisetas de molho em água e fixador.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

A segunda opção era passar somente o fixador de tingimento à base d'água nas peças, na esperança de que ele fixasse a cor dos dois tecidos assim como ele faz em tecidos que acabaram de ser tingidos. Umedecemos uma camiseta que ainda não havia sido lavada e colocamos ela de molho na água com fixador.

Após o tempo necessário fomos avaliar o que tinha acontecido. A água não parecia turva de pigmento e a estampa não tinha derretido. Dois ótimos sinais! Lavamos e deixamos secar. Após a secagem a roupa estava em perfeito estado; o tecido não estava manchado nem desbotado e a estampa não tinha derretido. Perfeito! Contornamos mais uma vez os problemas da nossa produção.

Finalizamos passando todas as peças, dando um banho de fixador em tudo e voltando a passar e dobrar tudo, terminando com uma enorme bagagem para dar continuidade ao nosso projeto.

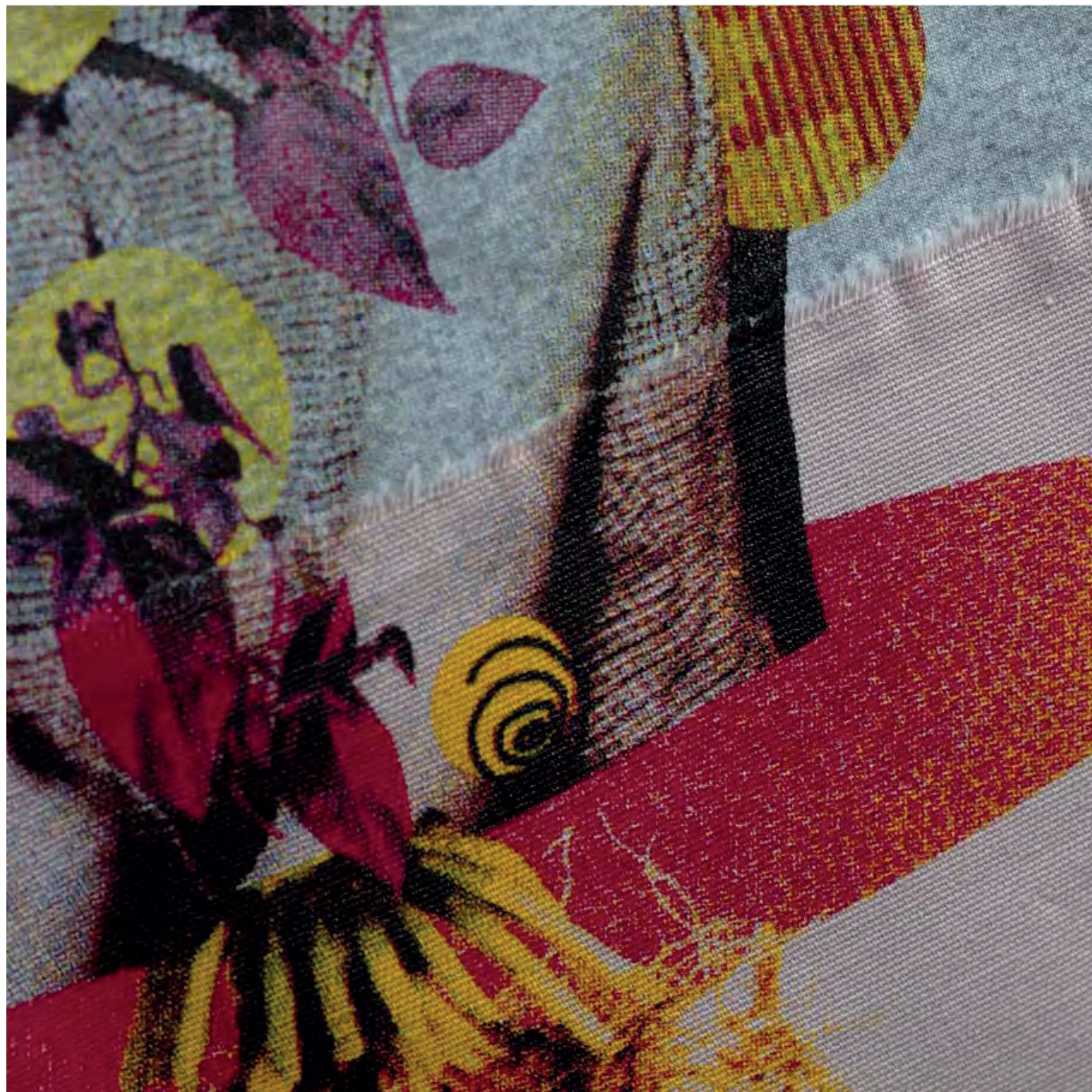
No final das contas, aprendemos a costurar, descobrimos que é proibido misturar tecidos diferentes sem antes lavar os mesmos juntos, concluímos que sempre devemos passar todas as nossas peças para melhor fixação da estampa e por último entendemos que o fixador seria fundamental para a próxima coleção.

Entregamos todas as camisetas e arrecadamos uma parte do orçamento necessário para os próximos passos.



FIGURA 57 e 58.. Camiseta Aliemina finalizada. Foto por Adie Mathias, 2019.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.







Com todas as etapas testadas, bem resolvidas e um pouco mais de dinheiro em caixa demos continuidade ao nosso processo de criação.

Voltamos a pensar no conceito que amarraria todos os nossos anos de faculdade. Fizemos alguns sketches pensando em composições que remetesse aos nossos sentimentos mais marcantes de cada ano, para isso utilizamos corpos e plantas.

Ao final, concordamos que seria necessário um ensaio fotográfico de corpos em posições específicas para construirmos as colagens exatamente como gostaríamos.

Conversamos com a Ariadne Mathias - designer e fotógrafa - e a convidamos para ser uma das colaboradoras do projeto. Naquele momento, combinamos que a Adie nos ajudaria com as fotos dos corpos e com as fotos da coleção pronta.

Discutimos então, sobre as poses do ensaio e fomos às fotos. O ensaio foi relativamente rápido e contou com Anna Souza e Paulo Billy como modelos e que também se tornavam colaboradores do projeto oficialmente naquele momento.

Com as fotos tiradas, precisávamos montar as estampas com todo aquele material. Mas por onde começar?

SÓ ACABA QUANDO TERMINA



Tínhamos uma grande quantidade de material, muitas ideias na cabeça, uma coleção para criar, um evento para organizar e um cronograma para ser reprogramado, resumindo, tínhamos um grande projeto para ser colocado em prática

Paralelamente, precisávamos ainda, manter nossas redes sociais movimentadas, o engajamento do público aumentava a chance de mais pessoas serem alcançadas por nossas publicações e consequentemente conhecerem o nosso trabalho. Foi aí que fomos pedir ajuda para o Lucas Melara, Designer Chefe da Agência LM&Co. Chegamos achando que sairíamos com várias respostas, mas saímos com uma tarefa de casa e muitas coisas para refletir sobre nossa marca e seu posicionamento no mundo.

Ele nos passou um Canvas, uma ferramenta de planejamento estratégico para desenvolver nosso modelo de negócio.

Nele precisávamos responder nossa proposta de valor, segmento de cliente, canais, relacionamento com o cliente, atividade chave, recursos principais, parcerias principais, fonte de renda e estrutura de custo. Com todas essas questões respondidas, conseguíamos um quadro cada vez mais claro de quem era a NÓIS e para onde a marca estava caminhando.

Voltamos para uma segunda reunião, agora com respostas. Este encontro foi importantíssimo para o nosso projeto, após conversarmos sobre o Canvas e completarmos algumas coisas que estavam faltando, o Melara nos sugeriu 2 coisas. A primeira era desenvolver um site com um e-commerce e conteúdos de posicionamento de marca. A segunda era fazer um exercício para termos uma dimensão melhor de todos os processos e etapas que teríamos que passar para finalizarmos o trabalho.

Obviamente aceitamos que ele desenvolvesse o nosso site e fomos para a lousa preencher à mão e giz uma tabela dividida em 3 colunas verticais e 4 horizontais.

Com essa separação entre coleção, plataforma e evento e estas separadas em pré-produção, produção, execução e entrega, conseguimos entender exatamente em que pé estávamos no desenvolvimento do projeto. E dessa forma, passamos a nos organizar por essa tabela deixando de lado o Trello.

Essa reflexão nos trouxe mais autoconhecimento, tanto da marca quanto de nós mesmos e do TCC como um todo, e foi essencial para darmos continuidade ao nosso processo de criação.

Neste momento, os primeiros sketches já não faziam tanto sentido, então, optamos por recomençar todas as estampas. Imprimimos algumas fotos, as recortamos e fizemos algumas composições ao mesmo tempo em que desenvolvíamos o primeiro lettering.



FIGURA 65. Teste Colagem.
Fonte: Acervo Pessoal dos autores.



FIGURA 66. Teste Colagem.
Fonte: Acervo Pessoal dos autores.



FIGURA 65. Teste Colagem.
Fonte: Acervo Pessoal dos autores.



FIGURA 66. Teste Colagem.
Fonte: Acervo Pessoal dos autores.

Ainda amadurecendo a conexão de todo o nosso sentir muito bem amarrado e representado em uma coleção algumas palavras mais fortes começaram a aparecer.

DUALIDADE

substantivo feminino

1. qualidade do que é dual ou duplo em natureza, substância ou princípio.

"d. do ser humano"

2. Gramática - Lingüística

Uma das divisões da categoria número, oposta à singularidade e à pluralidade; indica um par de entidades isoláveis e exprime-se pelo dual.

TRANSFORMAÇÃO

substantivo feminino

1. ato ou efeito de transformar(-se).

2. FÍSICA

Qualquer alteração no estado de um sistema.

CONVERGÊNCIA

substantivo feminino

1. ato ou efeito de convergir.

2. qualidade ou disposição do que é convergente; direção para um ponto comum.

Existe em nós um ser dual, existe na NÓIS uma dualidade, masculino e feminino, crescemos no rural, mas vivemos na cidade, fizemos a mesma faculdade, mas vivemos duas vidas. A dualidade sempre nos acompanhou, assim como a convergência.

As plantas, primeiro elemento do qual iremos tratar, nos trazem a ideia de transformação, assim como nos lembra do rural, do interior, local onde crescemos e vivemos a maior parte das nossas vidas; cercado de plantas, que assim como nós, tem de ser cultivadas para crescerem e evoluírem, e o que fazemos com nossa cultura, nossos hábitos, se não cultivá-los? Como mudas que nascem, crescem, e se desenvolvem, criando raízes, se tornando fixas, porém flexíveis, mutáveis.

Os corpos nos remetem ao ser, ao humano, ao sensível, o que podemos tocar, mas talvez não possamos possuir, sentimos, e é real, mas não sabemos explicar. Um questionamento que está sempre presente em nossas discussões, estamos falando de empatia.

Como já citamos neste relatório, Kate Fletcher diz que as pessoas perderam a relação com a natureza, e com as próprias pessoas, e ressalta que é isso que precisamos tocar, o que precisamos atingir. É esse nosso foco, o sensível, o único local onde a sinceridade se faz real, se despiando de toda e qualquer máscara, assim como nas fotos.

Por último trazemos a monotipia serigráfica aliada a técnica de colagem, um toque de Urbano no meio de todo esse verde, uma dose do local ao qual estamos inseridos hoje, um gigante de cimento que nos rodeia e nos inspira, nos bombardeando de informação visual. Todos os dias ele vem mais carregado, traz o tom de caos no meio da calmaria. É mais agressivo, e mais imponente perante aos outros elementos, porém é aplicado de forma mais discreta e cuidadosa.

Ao fim, tudo se une, se junta em algo que é como nós, é uma extensão da qual já não permanece mais apenas com a gente, são 6 anos expressos através da representação de cada peça, afinal a história não é o que se viveu, mas o que se lembra pra contar.

**Quem já passou
Por esta vida e não viveu
Pode ser mais, mas sabe menos do que eu
Porque a vida só se dá
Pra quem se deu
Pra quem amou, pra quem chorou
Pra quem sofreu**

(Vinicius de Moraes, ANO)

Começamos nosso processo fixando o pigmento de todas as camisetas pretas e dos tecidos que serão utilizados nessa nova coleção, assim como o processo de tingimento e fixação das peças de upcycling, tudo produzido com tinta e fixador da marca Guarani.

Desenvolvemos as estampas com os softwares Illustrator e Photoshop CC 2019 a partir de sketches feitos de colagem a mão. As artes foram impressas em papel vegetal e as telas foram gravadas na G-silk com o dinheiro que foi obtido com a venda das peças da Aliemina.

A estamparia foi realizada no LabDesign do campus da UNESP de Bauru, após o processo de estamparia a fixação da tinta ao tecido se deu por uma passada de ferro com a camiseta ou peça de upcycling no avesso.

Com o processo de estamparia completo o tecido é fixado a camiseta através da costura com a máquina Singer Pro-facilita.

Ao todo foram produzidas 3 camisetas e 3 peças de upcycling, nas quais cada camiseta recebe estampas relacionadas aos 6 anos vividos por cada um de nós, e as peças de upcycling recebem estampas, ou parte delas de todos os anos, pois elas representam a soma das nossas vivências, nossas ideias e memórias, todas unidas, como elas realmente são, é a parte da coleção que traz o conceito de maneira mais forte, mais bem marcada

PROCESSO DE PRODUÇÃO

A atenção em todo o processo de pré-produção, produção e veiculação é essencial no desenvolvimento de um projeto de design para a sustentabilidade. Sendo assim, no nosso trabalho, não poderíamos deixar de pensar na vida útil/produção da nossa embalagem e etiqueta.

“Quando se fala em design sustentável, a primeira coisa que nos vem à cabeça é a embalagem. Hoje, a preocupação, quando se cria uma embalagem, não é apenas estética, é também e, principalmente, o seu descarte. Como ele impactará o meio ambiente? (...) Empresas devem aplicar conceitos de design para melhorar sua performance e criar valor em todo ciclo de vida de produtos e serviços”

(Waldrick Jatobá, 2014)

Pensando na vida útil e na construção da experiência de usuário começamos a quebrar a cabeça em como resolver o problema do lixo gerado tanto pela etiqueta quanto pela embalagem.

Depois de repensarmos todo o formato e a quantidade de material necessário, decidimos que a embalagem deveria assumir uma função dupla e que poderia ser ressignificada após seu uso.

A solução encontrada foi transformar a embalagem em um pôster.

PEQUENOS GRANDES DETALHES

Desenvolvemos um formato especial utilizando um retângulo de papel kraft de 55cmx40cm, com uma de suas faces estampadas em serigrafia e um sisal fixado em uma das extremidades.

Com a estrutura pronta, o funcionamento da embalagem acontece da seguinte maneira: a camiseta é enrolada junto com o kraft, desde a extremidade livre até a extremidade com o sisal, ficando com um formato tubular ela é fechada com uma tira de tecido - utilizando o nosso próprio resíduo têxtil - amarrada com nó simples ao centro.



FIGURA 67 e 68. Camiseta e Embalagem-Poster Nólis Aliemina. Produzido pelos autores, Serigrafia em Papel Pardo, 2019. Fonte: Acervo pessoal dos autores.

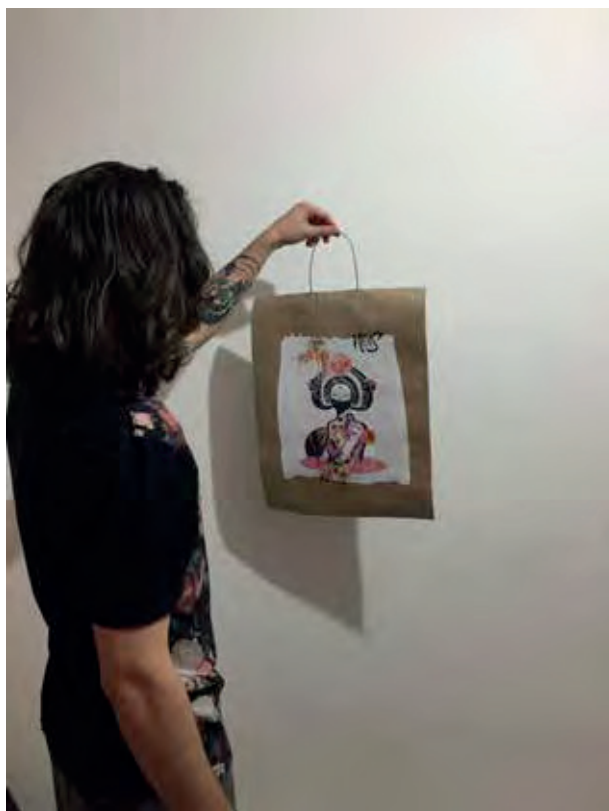


FIGURA 69 e 70. Poster Alienmina. Serigrafia em Papel Pardo.
Produzido pelos Autores, 2019.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.



A solução encontrada para a etiqueta foi um pouco mais simples. Optamos por silkhar a etiqueta na parte interna das costas, logo abaixo da gola das camisetas. Dessa forma nenhuma informação essencial se perderia e nenhum material seria jogado fora logo após o seu uso.

Sobre as informações essenciais, segundo exigência do Inmetro, o setor têxtil brasileiro deve somente comercializar peças que estejam devidamente etiquetadas, e dessa forma, de acordo com a Normas: Etiquetas de Confeção Resumo da resolução nº2 de 06/05/2008 e ABN ISO 3758 (Simbologia), existe uma série de dados e especificações que necessitam estar presentes em nossas etiquetas.

É necessário que as informações sejam legíveis e com altura mínima de 2mm, o conteúdo deve ser escrito no idioma do país de origem e conter: nome, razão social ou marca registrada; identificação fiscal do fabricante nacional, importador ou licenciado; país de origem; composição em ordem decrescente; simbologia para tratamento do produto e indicação do produto.

E especialmente na parte da simbologia para tratamento do produto o conteúdo se estende a uma série de símbolos extremamente específicos.

Para a NólS, segundo as especificidades das nossas camisetas, utilizaremos o seguinte formato para a etiqueta.



FIGURA 71.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

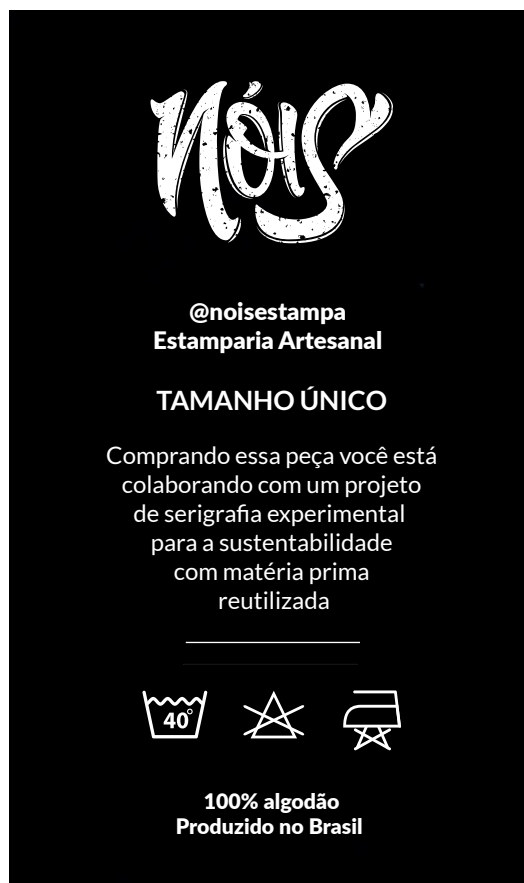


FIGURA 72.
Fonte: Acervo pessoal dos autores.

Contudo, quando falamos sobre o resgate de peças usadas – feito no upcycling – essas informações necessárias para as etiquetas acabam se perdendo, ou por causa de as peças não terem mais as suas etiquetas originais ou por estarem muito velhas impossibilitando a leitura. Outro problema acontece na hora da numeração das peças. Como as roupas são recuperadas elas não seguem um padrão de modelagem que permita a denominação como P,M,G, ou GG.

Dessa forma, fomos buscar mais conhecimento sobre etiquetagem de peças de upcycling. Encontramos em nossa pesquisa, a estilista da Think Blue, Mirella Rodrigues, com uma solução interessante para esse problema. Ela coloca em sua tag (etiqueta) que aquele é um produto feito com matéria prima reutilizada e que não tem como ter certeza da sua composição exata. Quanto a numeração, decidimos adotar o tamanho único como padrão.

The background is a solid light pink color. There are several thick, vertical red paint drips of varying lengths and widths, starting from the top edge and extending downwards. The drips are irregular and have a glossy, wet appearance. The text 'O EVENTO' is positioned in the upper right quadrant, with a vertical line to its right.

O EVENTO |

“Para mim, precisamos de uma semana de moda em que a passarela e as modelos só usem peças com mais de cinco anos de uso. Elas não seriam mais as peças “do momento”. O que você veria ali é a vida real das roupas. Então você teria algo que as pessoas realmente poderiam começar a aspirar.”

(FLECHER, 2018)

Concomitante a todo esse processo de desenvolvimento da coleção rolava o planejamento do evento. O Evento de Lançamento é uma peça fundamental para a conclusão deste trabalho. Nele iremos proporcionar uma experiência; é aqui que reafirmamos a nosso posicionamento sobre a relação consumidor e consumo.

Nosso intuito é muito maior do que vender camisetas, nós queremos mostrar um outro olhar sobre o nosso estilo de vida contemporâneo, a ideia de consumir de forma mais sustentável e construir projetos de forma colaborativa com muita arte.

Para a construção deste evento, contamos com colaboradores que estão participando desde a criação e montagem do espaço até o line up; cada um atuando em sua área e contribuindo para o todo.

O QUINTAL É NOSSO

Outro parceiro chave é o Nosso Quintal, um bar e espaço cultural de Bauru, que abriu suas portas para receber nossa apresentação. Desde o início os donos do estabelecimento, a Tata e o Bira, se mostraram muito alinhados e compatíveis com as nossas ideias de desenvolvimento colaborativo e sustentabilidade. Eles nos deram total liberdade na ambientação do local e na escolha de datas, horários e apresentações musicais. No final das contas, eles literalmente abriram o quintal para nosso evento e compraram fielmente nossa ideia.



FIGURA 76. Nosso Quintal.

Fonte: <<https://www.socialbauru.com.br/2018/11/23/nosso-quintal-pop-up-bar/>>



CERIMONIAL

Tendo o aval da casa para organizarmos uma festa com a nossa cara, decidimos o cerimonial do evento:

18h - 19h: recepção

Lojinha aberta

Show ao vivo do projeto Narciso

Vendas de comida e bebida da casa

19h - 20h30: Banca TCC

Apresentação

Desfile performático da nova coleção

Considerações da banca

20h30 - 22h:

Lojinha aberta

Discotecagem DJ CVIO

Vendas de comida e bebida da casa

AMBIENTAÇÃO

A ambientação ficou por conta de duas grandes parceiras, a Anna Souza - estudante de radialismo que trabalha na área de direção de arte - e a Grenda Cabestré - formada em Publicidade e Moda, atualmente é organizadora de eventos e empreendedora.

Após chamarmos as duas para o grupo de colaboradores marcamos uma reunião no Nosso Quintal. Lá mapeamos o bar e desenhemos a sua planta. Assim, dividimos o local em territórios e começamos a desenvolver as primeiras composições.

Ao final, após uma análise fizemos o levantamento dos materiais estruturais e dos materiais de composição; ao final chegamos aos seguintes objetos para o desenvolvimento:

Composição: telas de serigrafia, caixas para suporte, arara de teto, artes das estampas antigas, manequins, plantas, barris de metal, mesas e cadeiras

Estrutural: luzes, fios e equipamento completo para o som

Também foram colaboradores da ambientação os tatuadores Fábio Iamaguti e Léo Guaraldo.

PERFORMANCE AUTORAL PARA UM EVENTO AUTORAL

A festa será dividida em 3 partes, a recepção, a apresentação e o “bailinho”; e terá o seu ponto alto no desfile das novas peças. Este funcionará como uma performance, na qual, as peças representam o nosso eu lírico durante os anos de graduação somada aos movimentos hora rápidos, hora lentos, traz à tona o ponto principal da coleção, a dualidade, criando assim uma imersão completa dos convidados.

Para a performance estar completa precisávamos de pessoas que a interpretassem. Na hora pensamos em nossos amigos dançarinos. Nós precisávamos de 3 pessoas, assim, cada uma vestiria 2 peças fechando a conta da exposição das 6. Entramos em contato com o Thiago Rocha - dançarino a 15 anos - e a Gabriela Pereira - dançarina a 13 anos - e contamos sobre toda a proposta da coleção, do evento, da performance e os convidamos para serem colaboradores do projeto. Eles aceitaram de cara e chamaram a Amanda Fernandes - dançarina a 7 - para completar o time.

Desde o início sentimos que esta performance pedia um som autoral assim como nosso projeto e já tínhamos em mente algumas opções de produtores musicais para esta parceria.

Mandamos mensagem para nossos amigos do peito, os DJs e produtores musicais, K4HU3 e Caio. Ambos são produtores independentes que atuam na cena eletrônica do interior paulista. Por compatibilidade de horários e prazos de produção acabamos fechando o desenvolvimento com o Caio.

O briefing era simples, passamos o conceito da coleção acompanhado da seguinte frase: “O som precisa ser expressivo, dual e permitir momentos de contemplação da peça”.

Depois de alguns dias a música já estava tomando forma. Uma batida gostosa em que víamos uma extensão das nossas peças se criando.

O som ficou pronto!

FOTO E FILME

A produção fotográfica e filmográfica contará com o fotógrafo e filmmaker Pedro Vannucci - estudante de Design Gráfico e Fotógrafo - e pela Fotógrafa e Filmmaker Carol Maris - Radialista.

NARCISO

Narciso é um novo selo musical criado para dar espaço à novos artistas fazerem suas interpretações, tanto covers quanto autorais. Paulo Billy e Thiago Theodoro são dois músicos que se uniram e criam suas interpretações de grandes nomes da música brasileira e experimental autoral. Tem como foco propagar a música e a liberdade do ser artístico.



FIGURA 73. Narciso. Thiago Theodoro e Paulo Billy.
Fonte: Disponibilizada pelos artistas.



FIGURA 74. DJ Caio. Foto Yooz
Fonte: Disponibilizada pelo artista.

DJ CVIO

Usando a arte da discotecagem, Dj CAIO surfa entre as vertentes do hip hop, trip hop, trap, funk, rap, sem perder a essência de seu groove brasileiro, bem como influencias da música jazz.

Com mais de 8 anos de experiência, já se apresentou com grandes nomes da cena musical Brasileira e Australiana, como: DJ Nuts, Família Madá, Sants, Vekr, DJ Eb, DJ Chade, Dj Páprica, Som de Calçada, Zambabem, El Blat, Alma entre outros nomes importantes da cultura independente.

Se mudou para Ribeirão Preto em março de 2019, mas já espalhou seu som em cidades como, Bauru, Assis, São Paulo, Botucatu, Ilha Solteira, Santa Rosa, Gold Coast, Byron Bay e Melbourne.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo o Design para sustentabilidade estando tão em pauta nos dias de hoje, ainda assim seus processos e cuidados não se enquadram como um facilitador de projetos e demandam uma atenção muito maior do que imaginávamos para que tudo esteja realmente alinhado a essa proposta.

O processo do artesanato que busca entender e se reconectar com todos os passos do projeto também é algo difícil de se resgatar, pois a mecanização dos processos e a especialização tornou o todo algo um tanto quanto intangível, demandando um grande esforço as pessoas que se interessam em entender todos os processos envolvidos.

A serigrafia se mostrou uma técnica muito expressiva e abrangente, gerando um grande leque de possibilidade de resultados, desde de algo mais rústico, até resultados extremamente realista, nos possibilitado criar e desenvolver artes da maneira que julgamos mais condizentes com a coleção.

Outro ponto observado é no âmbito do projeto colaborativo, todas as pessoas envolvidas necessitam estar realmente engajadas e possuírem crenças, ideias, e convicções alinhadas as propostas apresentadas pelo projeto. Caso contrário ele acaba se tornando inviável devido aos conflitos ideológicos que podem ocorrer durante o processo. Neste projeto especificamente, já conhecíamos ou envolvidos, e sabíamos que todos eram adeptos das mesmas crenças e ideias o que foi um grande facilitador para todo.

Para finalizar, é necessário falarmos sobre a vivência dentro da faculdade pública e da diversidade quase inacreditável que existe dentro deste local. Todas as experiências, trocas de idéias, compartilhamento de pensamentos nos enriqueceram e completaram de uma maneira que nenhum outro local seria capaz. Mais especificamente, a vivência no curso de Design Gráfico nos trouxe o feeling para a resolução de problemas. Desde o início da graduação fomos instigados a termos reflexões profundas sobre o mundo em que vivemos e o nosso papel como agentes transformadores em potencial. No entanto, transformar ao mundo ao nosso redor requer, antes de tudo, que a mudança aconteça primeiro com nós mesmos, e dessa forma, o exercício do autoconhecimento é necessário e cíclico. Este trabalho foi literalmente uma viagem reflexiva sobre a nossas vivências, contemplando questões desde da onde viemos até para onde queremos caminhar.

A vida é feita de ciclos e seus inúmeros caminhos, aqui finalizamos mais um.



REFERÊNCIAS



A colagem como técnica artística. São Paulo, SP. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/esporte/a-colagem-como-tecnica-artistica/39334>>, Acesso em :15 de Jun. 2019, 15:16

Desafios para o Upcycling em 2018 parte 2. [S.l.], Disponível em:< <https://roupartilhei.com.br/2018/02/28/desafios-para-o-upcycling-em-2018-parte-2/>> Acesso em: 15 de Jun. 2019, 16:20

FINIZOLA, F.; Coutinho, S.; Santana, D. **Abri-dores de Letras de Pernambuco** – Um mapeamento da gráfica popular. São Paulo. Edgard Blücher Ltda. 2013

JATOBÁ, Waldrick. **Desafios do Design Sustentável Brasileiro.** 1. ed. São Paulo: Versal Editores, 2014.

MACHADO, Gabriela. “**Slow Fashion Não é um Movimento, é um Mercado**”: Um Papo com Kate Fletcher. São Paulo, SP. Disponível em: <<https://www.modefica.com.br/entrevista-kate-fletcher/#.XP0AdohKhPY>>, Acesso em: 9 de Jun. 2019, 09:49

MOURA, Mônica. **A interdisciplinaridade no Design Contemporâneo.** São Paulo, SP 2011

PAZMINO, Ana Verónica. **Uma reflexão sobre Design Social, Eco Design e Design Sustentável.** Artigo publicado no I Simpósio Brasileiro de Design Sustentável. Curitiba, 2007

WEISS, Luise. **Monotipias: algumas considerações.** [S.l.], 2003



BIBLIOGRAFIA



GESSER, Veronica;RANGHETTI, Diva Spezia
**.O currículo no ensino superior: Princípios
epistemológicos para um design contempo-
râneo .** São Paulo,SP : 2011.

YAMANE, Laura. **Estamparia textil.** São
Paulo,SP : 2018.

RONAN, Rafael. Puxando o Rodo. Disponível
em:<[https://www.youtube.com/channel/U-
CIw6H8s8E2TBihyyQ1P7MUg/featured](https://www.youtube.com/channel/U-CIw6H8s8E2TBihyyQ1P7MUg/featured)>
Acesso em:8 de Jun.2019, 18:01

ÍNDICE IMAGENS



Figura 1. Luiz, página 8.

Figura 2. Julia, página 10.

Figura 3. NólS, página 10.

Figura 4. Logo NólS, página 17.

Figura 5. Processo de Serigrafia, página 21.

Figura 6. Telas de Serigrafia, página 21.

Figura 7. Suporte de Berços CMYK, página 22.

Figura 8. Tela de Serigrafia com Chavetas, página 22.

Figura 9. Quadricromia, página 23.

Figura 10. Teste de colagem digital, página 24

Figura 11. Colagem, página 26.

Figura 12. Colagem, página 26.

Figura 13. Colagem, página 27.

Figura 14. Colagem, página 27.

Figura 15. Colagem, página 28.

Figura 16. Colagem, página 28.



Figura 17. Colagem, página 29.

Figura 18. Lettering NÓIS, página 30.

Figura 19. Lettering, página 30.

Figura 20. Lettering, página 31.

Figura 21. Primeira coleção NÓIS, página 35.

Figura 22. Coleção Reticulando, página 36.

Figura 23. Coleção Reticulando, página 37.

Figura 24. Coleção Reticulando, página 37.

Figura 25. Coleção Reticulando, página 38.

Figura 26. Colagem, página 40.

Figura 27. Colagem, página 40.

Figura 28. Colagem, página 41.

Figura 29. Colagem, página 41.

Figura 30. Colagem, página 41.

Figura 31. Colagem, página 41.

Figura 32. Colagem, página 42.

Figura 33. Colagem, página 42.

Figura 34. Colagem, página 43.

Figura 35. Serigrafia em tecido, página 43.

Figura 36. Teste em CMYK, página 49.

Figura 37. Teste de quadricomia, página 49.

Figura 38. Tecidos, página 50.

Figura 39. Estampa em papel vegetal, página 50.

Figura 40. Estampa digital, página 51.

Figura 41. Estampa aplicada em tecido, página 52.

Figura 42. Estampa digital, página 51.

Figura 43. Estampa aplicada em tecido, página 52.

Figura 44. Estampa aplicada em tecido, página 53.

Figura 45. Estampa aplicada em tecido, página 53.

Figura 46. Estampa aplicada em tecido, página 53.

Figura 47. Estampa aplicada em tecido, página 54.

Figura 48. Processo de estamparia, página 56.

Figura 49. Processo de estamparia, página 57.

Figura 50. Processo de estamparia, página 57.

Figura 51. Processo de estamparia, página 57.

Figura 52. Alinhavando tecidos, página 58.

Figura 53. Costura de tecidos, página 58.

Figura 54. Camisetas de molho, página 59.

Figura 55. Fixador de tinta, página 60.

Figura 56. Camisetas em fixador, página 60.

Figura 57. Camiseta Aliemina, página 61.

Figura 58. Camiseta Aliemina, página 61.

Figura 59. Camiseta Aliemina, página 62.

Figura 60. Camiseta Aliemina, página 63.

Figura 61. Sketches, página 66.

Figura 62. Cronograma, página 66.

Figura 63. Teste de Lettering, página 67.

Figura 64. Teste de Colagem, página 67.

Figura 65. Teste de Colagem, página 67.

Figura 66. Teste de Colagem, página 67

Figura 67. Embalagem Pôster, página 72.

Figura 68. Embalagem Pôster, página 72.

Figura 69. Embalagem Pôster, página 73.

Figura 70. Embalagem Pôster, página 73.

Figura 71. Etiqueta, página 74.

Figura 72. Etiqueta, página 75.

Figura 73. Nosso Quinta, página 77.

Figura 74. Narciso, página 80.

Figura 75. Dj Caio, página 80.